

FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação de Mestrado

**O OLHAR DE PSICANALISTAS QUE ESCUTAM A ADOLESCÊNCIA:
SINGULARIDADES DA CLÍNICA ATUAL**

Renata Cardoso Plácido Ayub

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Mônica Medeiros Kother Macedo

Porto Alegre, dezembro 2009

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**O OLHAR DE PSICANALISTAS QUE ESCUTAM A ADOLESCÊNCIA:
SINGULARIDADES DA CLÍNICA ATUAL**

Dissertação de Mestrado

RENATA CARDOSO PLÁCIDO AYUB

Prof^ª Dr^ª. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre, dezembro de 2009.

PONTÍFICIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**O OLHAR DE PSICANALISTAS QUE ESCUTAM A ADOLESCÊNCIA:
SINGULARIDADES DA CLÍNICA ATUAL**

RENATA CARDOSO PLÁCIDO AYUB

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Prof^ª. Dr^ª. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre, dezembro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A989o Ayub, Renata Cardoso Plácido
O olhar de psicanalistas que escutam a adolescência :
singularidades da clínica atual / Renata Cardoso Plácido Ayub. –
Porto Alegre, 2009.
76 f.

Diss. (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de
Psicologia, PUCRS.
Orientador: Profa. Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo.

1. Psicologia Clínica. 2. Psicologia do Adolescente.
3. Psicanálise. 4. Contemporaneidade. I. Macedo, Mônica
Medeiros Kother. II. Título.

CDD 155.5

Bibliotecária Responsável: Dênira Remedi – CRB 10/1779

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Renata Cardoso Plácido Ayub

**O OLHAR DE PSICANALISTAS QUE ESCUTAM A ADOLESCÊNCIA:
SINGULARIDADES DA CLÍNICA ATUAL**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Mônica Medeiros Kother Macedo

Presidente

Prof. Dr.^a. Blanca Susana Guevara Werlang

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Prof. Dr.^a. Vera Regina Röhnelt Ramires

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Porto Alegre, dezembro de 2009

Para Christiano, pelo inesgotável incentivo e pela história que partilhamos.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

A Mônica Medeiros Kother Macedo, minha orientadora, pelo acolhimento, pelo imenso conhecimento singularmente transmitido, por sua disponibilidade, energia e afeto oferecidos ao longo de todo o nosso convívio.

Meu reconhecimento e admiração!

AGRADECIMENTOS

Ao longo desse percurso, muitas pessoas estiveram presentes, de diferentes maneiras, em meu mestrado, às quais eu gostaria de registrar meus agradecimentos:

Aos meus pais, Marlene e Sérgio, por todos os ensinamentos e pelos constantes exemplos de luta;

A minha irmã Paula, pela qualidade da relação que vivemos;

As minhas queridas amigas Alice, Ângela, Fernanda, Flavia e Gabriela, pela presença importante e por todos os momentos de vida compartilhados;

A Maria Laura Ghirardi, pelo afeto, disponibilidade e incentivo, desde o princípio;

A Silvana Azevedo, pelo incentivo e pelos momentos de trocas afetivas, que, mesmo a distância, se fazem presentes;

A Ana Lúcia de Borba, querida parceira dessa caminhada, por todos os momentos de convivência e de trabalho;

A Rita Petrarca e Luiza Oliveira, pelo constante incentivo e carinho, desde outras caminhadas;

A Adriana Ampezzan, pela presença carinhosa, pelo apoio e pelos preciosos conhecimentos compartilhados;

A Blanca Werlang, pelos ensinamentos e conhecimento compartilhado acerca da pesquisa científica ao longo da minha trajetória;

A todos os integrantes do grupo de pesquisa “Fundamentos e Intervenção em Psicanálise”, pelos momentos de estudo e convivência prazerosos;

As minhas queridas colegas “mestrandas”, de tempos presente e passado, que compartilharam comigo este desafio. Pelo apoio e trocas constantes, que contribuíram muito para o meu trabalho;

A Fernanda Cesa, pelo afeto, pela disponibilidade atenta e pelos agradáveis momentos de convivência;

Aos auxiliares de pesquisa Sander Machado e Davisson Giaretta, pelo apoio, em especial nos momentos finais desta dissertação;

A Carolina Dockhorn, pelo apoio e pelas valiosas contribuições neste estudo;

A Gabriela Lima, pelo afeto, apoio e parceria, na universidade e também fora dela;

A CAPES, por incentivar a pesquisa científica através das bolsas de financiamento;

Aos psicanalistas participantes deste estudo, meu reconhecimento e gratidão pela acolhida.

RESUMO

Mudanças inerentes à complexa passagem da vida infantil para a vida adulta caracterizam a adolescência. Trata-se de um tempo do ciclo vital marcado pela intensidade de sentimentos e experiências quanto ao processo identitário, que somam às modificações decorrentes da puberdade. As contínuas transformações experienciadas pelos adolescentes têm sido objeto de estudo da clínica psicanalítica em função da importância que adquirem no contexto da saúde psíquica. Esta dissertação tem o objetivo de identificar e abordar, a partir da experiência de escuta de psicanalistas, características e peculiaridades que marcam a clínica com adolescentes no contexto contemporâneo. Foram elaboradas duas seções sobre o tema: uma teórica e uma empírica. O estudo teórico refere-se, a partir de uma revisão da literatura, às possibilidades de enlaces entre as grandes transformações da adolescência e às exigências do contexto sociocultural contemporâneo. É possível constatar que as demandas culturais podem se sobrepor às características típicas deste período do ciclo vital, resultando, assim, na existência de padecimentos psíquicos. A seção empírica desenvolve um estudo de cunho qualitativo, que objetiva conhecer e compreender características e peculiaridades da clínica contemporânea da adolescência, a partir da vivência de psicanalistas, considerando o exercício da escuta analítica. Foram entrevistados dez psicanalistas da cidade de Porto Alegre, com atuação de, no mínimo, dez anos no atendimento clínico a pacientes adolescentes. Por meio da técnica de Análise de Conteúdo, foram identificadas três categorias finais, ilustradas com vinhetas das falas dos participantes: a respeito da família e da escola como campos fundamentais da experiência intersubjetiva do adolescente; a necessidade de recursos psíquicos frente às exigências para o enfrentamento do processo de ressignificação do si mesmo; e, por último, os desafios e inquietações no campo analítico no que diz respeito às especificidades teóricas e técnicas a partir da escuta de adolescentes. Para a discussão dos achados, lançou-se mão do referencial psicanalítico. Os aspectos encontrados nesta dissertação permitem um melhor conhecimento sobre a articulação das demandas da cultura atual com as modalidades psicopatológicas que se fazem presentes na clínica psicanalítica da adolescência. Da mesma forma, o espaço da análise evidencia-se neste estudo como uma relevante possibilidade de construção e atribuição de significado aos padecimentos psíquicos da adolescência de modo a viabilizar desdobramentos saudáveis às suas vivências.

Palavras-chave: Adolescência, Psicanálise, Contemporaneidade, Clínica Psicanalítica.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 (Psicologia)

Subárea conforme classificação CNPq: 7.07.10.00-7 (Tratamento e Prevenção Psicológica)

ABSTRACT

Inherent changes in the complex transition from childhood to adulthood characterize adolescence. It is about a time in the life cycle based in the intensity of feelings and experiences as well as the identification process, which adds to the transformations due by puberty. The continuous transformations experienced by the adolescents have been studied in the psychoanalytic clinic due to the importance in the context of mental health. This dissertation aims to identify and address from the listening experience of psychoanalysts, characteristics and peculiarities which mark the clinic with adolescents in the contemporary context. Two sections were prepared about the topic: a theoretical and empirical. The theoretical concerns, from a literature review, the possibilities of linking between the major changes of the adolescence and the demands of the contemporary cultural context. It is possible to conclude that cultural demands may overlap with the typical features of this time in the lifecycle, thus resulting in the existence of psychic suffering. The empirical section develops a qualitative study which aims to examine and understand the characteristics and peculiarities of contemporary clinical adolescents from the experience of psychoanalysts considering the exercise of analytic listening. It was interviewed ten psychoanalysts in the city of Porto Alegre, with performance of at least ten years analyzing adolescent patients. Through the technique of content analysis, we identified three final categories, illustrated with vignettes of the participants' statements: regarding their family and their school as main fields of inter-subjective experience of the adolescents, the need of psychological resources before the demands to face the process of redefinition of oneself and, finally, the challenges and concerns in the analytical field regarding the specific theoretical and technical from listening the adolescents. For a discussion of the findings, we make use of psychoanalysis. Aspects found in this work allow a better understanding of the articulation of the demands of today's culture with the different types of psychopathology that are present in the psychoanalytic treatment of adolescents. Similarly, analysis is highlighted in this study as a relevant possibility of constructing and assigning meaning to the psychological suffering of adolescence in order to allow healthy developments to their experiences.

Keywords: Adolescence; Psychoanalysis; Contemporary; Psychoanalytical Clinic

Area as CNPq Classification: 7.07.00.00-1 (Psychology)

Subarea as CNPq Classification: 7.07.10.00-7 (Treatment and Psychological Prevention)

SUMÁRIO

LISTA GERAL DE TABELAS	12
INTRODUÇÃO GERAL	13
SEÇÃO I	18
PSICANÁLISE E ADOLESCÊNCIA: A ESCUTA EM TEMPOS DE EXCESSOS.....	18
Introdução.....	19
Os enlases do processo adolescente com a cultura contemporânea.....	21
A singularidade da escuta analítica da dor psíquica.....	25
Considerações Finais.....	30
Referências	32
SEÇÃO II	35
A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM ADOLESCENTES: ESPECIFICIDADES DE UM ENCONTRO ANALÍTICO	35
Introdução.....	36
Método	38
Resultados e Discussão	39
Considerações Finais.....	64
Referências	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....	69
ANEXOS.....	72
ANEXO A.....	73
Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.....	73
ANEXO B	75
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	75

LISTA GERAL DE TABELAS

Tabela 1. Sumarização dos dados dos participantes obtidos na entrevista.....	40
Tabela 2. Categorização inicial, intermediária e final dos dados obtidos nas entrevistas com os dez participantes do estudo.....	41

INTRODUÇÃO GERAL

Esta dissertação de mestrado, intitulada *O olhar de psicanalistas que escutam a adolescência: singularidades da clínica atual*, foi desenvolvida no Grupo de Pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise”, coordenado pela professora Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo. Este Grupo de Pesquisa está vinculado à linha de pesquisa “Intervenções Psicoterapêuticas” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

A adolescência é um período do desenvolvimento humano caracterizado pela ocorrência de transformações biológicas, psíquicas e sociais. Trata-se de um tempo do ciclo vital marcado pela intensidade de sentimentos e questionamentos, o qual se intersecciona com as modificações decorrentes da puberdade. Ainda que Freud (1905/1976) não tenha se ocupado profundamente da adolescência, encontra-se em sua obra o Ensaio III do texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, no qual aborda o tema da puberdade. Nesse texto, o autor descreve as transformações da puberdade como sendo próprias de um período, cuja tarefa principal reside na integração pulsional na sexualidade genital, produzindo, assim, importantes alterações na organização da sexualidade infantil. É nesse artigo que Freud (1905/1976) salienta um ponto imprescindível na compreensão psicanalítica acerca da adolescência: a reatualização do que fora adiado pelo recalçamento, no período de latência, isto é, a adolescência é apresentada como sendo um momento de retorno da conflitiva edípica e da parcialidade pulsional relativa às primeiras satisfações sexuais.

A adolescência contempla, dessa forma, a reedição do Complexo de Édipo, devendo nela o objeto de desejo, interdito anteriormente, ser agora definitivamente abandonado para que seja possível o investimento libidinal em novos objetos. Nesse sentido, o retorno às questões edípicas na adolescência se dá com uma força ainda maior. Isso porque, segundo Pinheiro (2001), o objeto abandonado é o que primeiro o criou narcisicamente, permitindo que o adolescente acreditasse ter “garantido” um afeto incondicional. Assim, como não há garantias de que, nas relações com a sociedade, os objetos substitutos reproduzirão este modelo, os sentimentos ambivalentes em relação às figuras parentais são, frequentemente, observados. Dessa forma, o adolescente destitui os objetos outrora idealizados, colocando-os em uma posição de desqualificação, para que possa buscar novos objetos exogâmicos. Além disso, a desqualificação é bastante pertinente à tentativa adolescente de não ser tomado pela angústia provocada pela reedição edípica, uma vez que, agora, com as profundas

transformações em seu corpo, o incesto, que anteriormente era impossível, torna-se uma alternativa viável e, portanto, absolutamente angustiante.

Entre a criança que não existe mais e o adulto que ainda está por vir, o espelho do adolescente é frequentemente vazio. Em frente ao espelho e às suas transformações, o adolescente vive a falta do olhar apaixonado que ele merecia na infância e a falta de sentidos que o inaugurem como adultos. A insegurança é, portanto, uma marca da adolescência (Calligaris, 2000). Todavia, sabe-se que as características psíquicas do processo adolescente dependem do contexto sociocultural no qual se desenvolve o indivíduo.

Em tempos de globalização e de inegáveis benefícios tecnológicos, mas da existência de um cenário de fragilidade devido à instabilidade, à cultura ao imediato e ao esvaziamento de ideais compartilhados, são oferecidos ao adolescente modelos imprecisos, o que tem importantes efeitos em seu processo identitário. Na atualidade, observa-se que a progressiva ausência de ritos de passagem, aliada à complexidade psíquica desta etapa, dificulta a delimitação de “critérios” que marquem a progressão da adolescência para a adultez. Observa-se, cada vez mais, uma redução do período historicamente caracterizado como infância e a expansão do tempo da adolescência.

Nesse sentido, a sociedade atual tem experienciado a falta de critérios definidos que caracterizem as idades da vida, o que impede, segundo Birman (2006), demarcações, em termos de subjetividade, de cada uma das etapas do ciclo vital. Nesse contexto, o autor considera que se instala uma desordem familiar, na qual a atenção aos cuidados fica comprometida, afetando o processo de subjetivação da adolescência. A complexidade própria desta etapa pode encontrar, no contexto contemporâneo, elementos que demonstram fragilidade entre o que se evidencia como uma crise da adolescência e o que se manifesta no campo da psicopatologia. Nessa perspectiva, a Psicanálise se oferece como recurso de leitura e compreensão dessas especificidades, tanto no âmbito teórico como no técnico. Articula-se, assim, a possibilidade de uma leitura que inclua as transformações e crises psíquicas que se fazem presentes neste momento do ciclo vital e as transformações socioculturais impostas pela contemporaneidade.

Para tal, considera-se relevante investigar o processo de escuta de demandas adolescentes que se apresentam na clínica psicanalítica contemporânea. Trata-se, então, de explorar e compreender a especificidade das configurações de padecimentos que levam um adolescente a buscar ajuda no contexto clínico. Será no espaço da escuta analítica que a demanda adolescente poderá ser desdobrada em seus significados singulares. Na medida em que a adolescência é compreendida como um momento fundamental do processo de

ressignificação da identidade, é inegável a constatação de ser possível, por meio da exploração do recurso da escuta possibilitado pelo encontro analítico, abordar as atuais configurações de padecimentos psíquicos que interferem no processo de transição da infância para a vida adulta. As próprias características de um processo adolescente justificam um olhar atento àquilo que pode ser expressão de uma intensidade que extrapola as questões próprias desta etapa do ciclo vital. Como bem assinala Flechner (2000), “o transcurso da adolescência nos confronta a situações críticas onde, por vezes, não podemos predizer se trata-se somente de situações passageiras, que correspondem basicamente à crise adolescente, ou se estamos frente a processos que já se integraram a uma certa estruturação muito menos reversível” (p.54).

A Psicanálise contribui com seus aportes para que se possa refletir a respeito da demanda de trabalho psíquico que se faz presente na adolescência. Segundo Cahn (1999), “é neste período que se exacerbam os obstáculos, internos e externos, à apropriação pelo sujeito de seus pensamentos e desejos próprios, de sua identidade própria, onde o incessante trabalho de ligação-desligamento em todos os domínios, narcísicos e objetivos, arrisca-se a ficar comprometido pelo excesso de desligamento” (p. 57). Trata-se, portanto, de enfatizar a importância da escuta daquilo que faz com que um adolescente experimente uma situação de sofrimento. É via possibilidade de escutar, de oferecer um espaço para um trabalho de apropriação e conhecimento de si mesmo, que a Psicanálise surge, também, como um recurso tão relevante frente às demandas adolescentes contemporâneas.

Esta dissertação se desenvolveu a partir do projeto “O olhar de psicanalistas que escutam a adolescência: singularidades da clínica atual”, submetido à apreciação e aprovação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS e do Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital São Lucas da PUCRS, tendo sido aprovado no dia 12 de dezembro de 2008 (Anexo A). Com base no referido projeto, foram elaboradas duas seções de estudo sobre o tema, de acordo com a Resolução nº002/2007 de 06/11/2007 do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. A primeira delas é de cunho teórico, intitulada *Adolescência e Psicanálise: a escuta em tempos de excessos*; e a segunda sessão, de cunho empírico, foi intitulada *A clínica psicanalítica com adolescentes: especificidades de um encontro analítico*.

A seção teórica teve como objetivo, a partir de uma revisão da literatura, abordar pressupostos psicanalíticos e contribuições da sociologia a respeito dos enlaces entre grandes transformações da adolescência e as exigências do contexto sociocultural contemporâneo. Desse modo, esta seção considera a forma como as demandas culturais podem se sobrepor ao

sofrimento típico deste período do ciclo vital. Já a seção II responde ao projeto através de um estudo empírico que teve como objetivo conhecer e compreender as características e peculiaridades da clínica contemporânea da adolescência a partir da vivência de psicanalistas com experiência clínica no atendimento de adolescentes.

Para tanto, optou-se pelos pressupostos metodológicos qualitativos. Foram entrevistados 10 psicanalistas com um período mínimo de 10 anos de prática clínica no atendimento de pacientes adolescentes. Os dados obtidos foram analisados e discutidos por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (1991) na proposta de Moraes (1999). Para interpretação dos achados, lançou-se mão do referencial psicanalítico.

As seções de estudo que compõem esta dissertação de mestrado possibilitam, do ponto de vista teórico e empírico, uma leitura aprofundada sobre os padecimentos psíquicos e os efeitos socioculturais em uma idade da vida na qual se estabelece a possibilidade e a qualidade de um investimento no devir. Nesse contexto, a clínica psicanalítica é evidenciada neste trabalho como um espaço privilegiado para acolhimento das dores da adolescência. Constata-se que, por meio da escuta singular do psicanalista, torna-se possível a construção de um sentido para as experiências e para o padecimento psíquico do adolescente, capaz de conduzi-lo a novos destinos saudáveis.

Referências

- Bardin, L. (1991). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Birman, J. (2006). Tatuando o desamparo. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescentes* (pp. 25-43). São Paulo: Escuta.
- Calligaris, C. (2000). *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Cahn, R. (1999). *O adolescente na Psicanálise: a aventura da subjetivação*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Flechner, S. (2000) Acerca de los intentos de autoeliminación y suicidios em la adolescência. Publicacion Primero Congreso de Psicoanálisis y 11as. Jornadas científicas de la Asociación Psicoanalítica Del Uruguay. Tomo II, p. 53-65, 2000.
- Freud, S. (1905/1976). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. e Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 6, pp 119-231). Rio de Janeiro: Imago.
- Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Educação*, 37 (22), 7-32.
- Pinheiro, T (2001). Narcisismo, sexualidade e morte. In: Cardoso, M. R. (Org.). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Nau.

SEÇÃO I

**PSICANÁLISE E ADOLESCÊNCIA: A ESCUTA EM TEMPOS DE
EXCESSOS**

Introdução

O contexto ocidental vem experimentando intensas transformações no âmbito político, econômico e social, as quais a partir de seus inegáveis efeitos têm provocado constantes reflexões acerca do ideário contemporâneo de subjetividade. Sabe-se que transformações são inerentes à condição humana uma vez que não se pode separar o indivíduo da sociedade e da cultura a qual pertence. Uma reflexão acerca das configurações subjetivas contemporâneas não implica um julgamento de valor da época atual, frente às demais épocas, mas sim, a possibilidade de constatar e refletir sobre a mudança “no campo social que traz alterações para o campo subjetivo e vice-versa, conferindo determinados formatos ao sofrimento humano (Maia, 2004, p. 61).

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001) utiliza a metáfora da *fluidiez*, ou *liquidez*, em sua reflexão sobre a contemporaneidade. Segundo o autor, os líquidos não mantêm a forma com a facilidade dos sólidos, os fluidos não mantêm dimensões fixas e rígidas, sendo constantemente propensos a se movimentar e a mudar. Nessa perspectiva, a modernidade, para o autor, sofreu um processo de *liquefação*, de derretimento dos sólidos estabelecidos, no que diz respeito ao rompimento com o passado e a tradição.

Segundo Silva (2007), a sociedade atual vive tempos nomeados de *hiperespetáculo*, no qual o *fazer* não é importante, mas sim *ser visto fazendo*, a despeito de que esse fazer possa ser um fazer inútil. Nessa perspectiva, Retondar (2008) assevera que, no campo do consumo, percebe-se uma migração da atividade econômica para um campo de produção de significados e formas simbólicas. Consumir passa a ser considerado, portanto, como um processo de mediação das relações sociais.

Todavia, os tempos atuais, marcados pelo imediatismo e pela imagem, são, também, produtores de inegáveis avanços científicos e tecnológicos nos mais diversos campos do saber. O ser humano, contudo, está sujeito às vicissitudes do tempo e é, irremediavelmente, incompleto, como sujeito psíquico. É neste contexto de fragilidade que se estabelece o ideário de uma imagem proposta pela cultura contemporânea na qual o Ter tem prioridade em detrimento do Ser. Esse é o cenário das demandas contemporâneas o qual deverá abarcar o processo de construção da identidade do adolescente.

As contínuas transformações socioculturais sofridas pelos adolescentes têm sido objeto de estudo da clínica psicanalítica contemporânea, sendo inegável a constatação dos importantes efeitos dessas transformações no campo intersubjetivo. O processo adolescente abarca transformações e tarefas complexas e dinâmicas, de ordem psíquica e biológica. As mudanças nessa etapa do ciclo vital, inerentes à passagem da vida infantil para a vida adulta,

caracterizam-se pela necessidade de um processamento psíquico frente à intensidade das transformações que ocorrem, resultando em vivências singulares de perdas e ganhos. Para acessar um tempo próprio da vida adulta, o jovem terá que elaborar as perdas características de sua experiência infantil. Assim, a temática da redefinição da identidade ocupa um lugar prioritário nessa etapa do desenvolvimento.

Não há um consenso acerca da idade que caracteriza o período da adolescência, uma vez que fatores culturais têm sido amplamente articulados com o desenvolvimento dessa etapa do ciclo vital. Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS, a adolescência compreende o período de 10 a 19 anos de idade, considerando-se a combinação de aspectos biopsicossociais para a sua efetiva aplicação (World Health Organization [WHO], 2008). O Estatuto da criança e do Adolescente (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 1990), no entanto, considera, para fins legais, a idade entre 12 e 18 anos como correspondendo à adolescência. O último Censo realizado no Brasil informa que a população de 10 a 19 anos representa cerca de 20% da população total do país (IBGE, 2007), reafirmando a importância de estudos sobre este período do desenvolvimento.

Na proposição de enfatizar a singularidade das idades da vida, a literatura psicanalítica privilegia, mais do que a especificação de uma idade cronológica da adolescência, a compreensão dos constantes movimentos - de avanço e retrocesso, dos conflitos psíquicos que envolvem este processo (Macedo, Azevedo e Castan, 2004). Nesse sentido, a adolescência tem sido constantemente problematizada à luz de suas complexidades, nos mais diversos modelos de compreensão teóricos. Publicações em periódicos nacionais têm crescido continuamente, indicando a ampliação dos estudos e das investigações que contextualizam a adolescência em relação à cultura na qual está inserida, abordando aspectos, tais como depressão, ansiedade, abuso de substâncias, transtorno de conduta, transtornos alimentares, psicoses, maus tratos e violência. Destaca-se, no entanto, que a maior parte das publicações refere-se à identificação do problema e, em menor número, ao desenvolvimento de estratégias de intervenção e prevenção (Benetti, Ramires, Schneider, Rodrigues e Tremarin, 2007).

Encontra-se na literatura associações que relacionam a predominância das “patologias do agir”, tais como, toxicomanias, alcoolismo, transtornos alimentares e outras condutas autodestrutivas que podem culminar com o suicídio, com a fragilidade de recursos psíquicos do sujeito (Savietto e Cardoso, 2006; Macedo, Werlang e Dockhorn, 2008; Coutinho, 2006). Todas essas manifestações no campo psicopatológico representam uma tentativa desesperada de buscar contornos ou de impor limite corpóreo a uma vida sem limites que lhes é oferecida

pelo mundo adulto e o social (Coutinho, 2006), isto é, uma busca pela simbolização e integração pulsional.

Em face de tais questões, os efeitos dessas características contemporâneas no processo adolescente merecem, por sua relevância no campo da saúde mental, estudos que contribuam para evidenciar fatores que levem à prevenção e cuidado com a saúde psíquica e física dos jovens. Um cenário de *excessos* se presentifica no contexto contemporâneo; dessa forma, torna-se importante uma reflexão acerca dos efeitos disso em relação às grandes transformações que caracterizam a adolescência. Assim, a clínica psicanalítica torna-se um lugar privilegiado de investigação no que diz respeito à possibilidade de conhecer e estudar a respeito das configurações de padecimento psíquico dos jovens, assim como de proximidade com as configurações de vínculos intersubjetivos na contemporaneidade. Considera-se fundamental o papel do analista como uma possibilidade de o adolescente ser escutado em sua singularidade, podendo-se inaugurar, neste encontro, um espaço que dê sentido a sua dor psíquica, proporcionando-lhe condições de acesso a um destino que não seja o da patologia.

Os enlaces do processo adolescente com a cultura contemporânea

A adolescência é marcada por intensas transformações biológicas, psíquicas e sociais. A ressignificação do si mesmo e a conseqüente construção de identidade constituem-se uma tarefa que exige do jovem recursos psíquicos que precedem o processo da adolescência. A cultura contemporânea tem sido frequentemente abordada nos mais diversos cenários de reflexão. Em relação à temática da adolescência, sabe-se que as características psíquicas do processo adolescente sofrem intensa influência da cultura e da sociedade nas quais o sujeito se desenvolve, ou seja, a construção da subjetividade se dá no campo intersubjetivo, a partir do encontro com o outro, desde os investimentos parentais no campo endogâmico.

Ainda que, com a evolução dos tempos, a humanidade obtenha inúmeros benefícios em diversas áreas do saber, observa-se, na contemporaneidade, um contexto no qual o imagético se impõe, e os processos tradicionais de aquisição cultural apresentam-se de forma caótica, sob risco (Maia, 2004). Isso se deve ao fato dessa aquisição cultural se dar, segundo a autora, principalmente, pelas redes de televisão, as quais não pressupõem um projeto ético com sua programação – visando antes ao lucro. A autora chama atenção para o fato de que a maioria dos telespectadores são crianças ou jovens em pleno desenvolvimento, ainda com uma grande plasticidade psíquica; e prossegue sua reflexão referindo um exemplo dos efeitos possíveis desse contexto na clínica da adolescência. A autora conta do atendimento a um jovem, o qual “apresentando uma tristeza difusa, até mesmo branda, tentara suicídio; dizia-me

que não queria se matar, só queria “deletar”. Apresenta-se, aqui, uma cisão psíquica muito grave: a morte, ou o morrer, perde seu lastro no campo do real e do simbólico e passa a ter unicamente o valor de imagem a ser deletada” (Maia, 2004, p.64).

Nessa perspectiva, Silva (2007) acrescenta que quando tudo é imagem a reflexão perde seu sentido. A sociedade do *hiperespetáculo* não se traduz em um conjunto de imagens, mas em uma imagem única que carrega em si a aparência de diversidade; assim, segundo o autor, “pode-se mudar de canal, mas não de programa” (p.33). São tempos de *hipermodernidade* no qual se faz presente um “reinado da urgência” que conduz a cada vez “mais exigências de resultados a curto prazo, fazer mais no menor tempo possível, agir sem demora: a corrida da competição faz priorizar o urgente à custa do importante, a ação imediata à custa da reflexão, o acessório à custa do essencial” (Lipovetsky, 2004, p.77).

Constata-se, a partir dessa perspectiva, o modo como a intensidade das exigências do contexto atual exerce influência na construção da identidade do adolescente. Nesse contexto, Rosa (2002) destaca que o jovem, especialmente nos grandes centros urbanos, encontra uma organização social regida por um discurso que também aponta para uma liberdade e igualdade de direitos e oportunidades, oferecendo uma plena realização a todos, a partir de formas massificadas de consumo. Ao abordar o consumo como uma forma de produção de subjetividade, Rocha (2005) destaca que o imperativo máximo da sociedade do consumo – *seja feliz* - não objetiva a imposição de uma maneira de ser, mas “de garantir que toda e qualquer maneira de ser encontrará sua expressão em mercadorias e bem de consumo” (p.117).

A propósito dos meios contemporâneos de publicidade, Canhoni (2007) destaca haver uma função oculta por meio do estabelecimento de um campo de gratificação e completude, relacionando o prazer com a plenitude da satisfação. Assim, é a partir do intenso consumo de mercadorias evidenciado pela sociedade contemporânea, que se chega ao que Hohlfeldt (2007) nomeia de *consumismo do próprio eu*, uma vez que o indivíduo abre mão de um prazer *para si* em favor de um prazer *para os outros*. Isso ocorre por meio da intenção de uma compra com a qual se objetiva adquirir uma aparência que lhe permitirá a inclusão ou a afirmação de uma identidade. Para o autor, isso transforma a sociedade em “sujeitos aparentes de uma ação de referência” (p.101).

Esta tentativa de *sentir-se aceito*, a qual marca o funcionamento da sociedade atual, independente da idade da vida, pode ser pensada como análoga às vivências peculiares da adolescência, na qual os grupos, identificados em seus objetivos - não necessariamente saudáveis - exercem o papel de conter medos e anseios do jovem. Isso acontece pelo

movimento de ruptura necessário com os modelos parentais, fazendo com que o jovem parta em busca de novas identificações e *seja aceito* no campo exogâmico (Macedo, Azevedo e Castan, 2004). Parece haver, na atualidade, um prolongamento e um excesso de processos típicos da adolescência, especialmente no que tange às questões do imediatismo. Nesse sentido, a imagem e o consumo se instauram de forma incrementada no campo da subjetivação adolescente. Em paralelo às tarefas típicas da etapa, esses aspectos estão atrelados a uma massificação do modo de agir e de se expressar do adolescente, estando implicados no processo de ressignificação do si mesmo.

Expandindo a temática do consumo, Bauman (2004), ao abordar a fragilidade dos laços humanos em sua obra *Amor Líquido*, propõe que os filhos, também, tornam-se objetos de desejo emocional, servindo a necessidade do consumidor. O espaço para o comércio de bens de consumo, que envolve esta temática na sociedade atual, torna os filhos uma das “aquisições” mais caras, tendendo a crescer ano após ano. Ter filhos na contemporaneidade torna-se uma das decisões mais ansiogênicas da nossa época. Todavia, o autor atenta para o fato de que nem todos os custos são monetários, e os que não são desafiam a capacidade das famílias, na medida em que não oferecem garantias. Assim,

formar uma família é como pular de cabeça em águas inexploradas e de profundidade insondável. Cancelar ou adiar outras sedutoras alegrias consumistas de uma atração ainda não experimentada, desconhecida e imprevisível – em si mesmo, um sacrifício que choca fortemente com os hábitos do consumidor prudente – não é a única consequência provável (Bauman, 2004, p.60).

A família também tem sido estudada à luz de suas transformações, configurações e papéis na sociedade atual. Constata-se haver um colapso das hierarquias representadas pelas instituições tradicionais; entre elas, a família. Nesse frágil contexto, o mercado oferece uma gama de objetos que se alastram facilmente pelos consumidores: *sorria, você está sendo consumido* (Besset, Cohen, Coutinho e Rubim, 2007). Tal situação resulta numa tentativa do mercado de, por meio do consumo, *calar a boca* da criança e do adolescente. Busca-se assim calar a procura por uma palavra que traduza a perda dos pais da infância da qual padece o adolescente (Teixeira, 2008).

Lipovetsky (2004) afirma que os pais já detectaram as “ameaças hipermodernas”. Segundo o autor, raros são os que acham “que a escola tenha por objetivo central a satisfação imediata dos desejos do filho; o prioritário é a formação com vistas ao futuro, donde a rápida expansão, em especial do consumismo escolar, das aulas particulares, das atividades extracurriculares” (p.36).

Percebe-se que o recurso parental à gratificação proporcionada aos filhos pela via do consumo, em certos casos, busca camuflar ou minimizar situações de escassez ou privação de afeto por parte da família, podendo promover, cada vez mais, o enfraquecimento do vínculo afetivo. Nesse contexto, pode-se pensar que a cultura contemporânea se oferece como um outro instável e incapaz de sustentar o sofrimento, o qual não hesita em comercializar ao sujeito uma solução *imediate* capaz de aplacar o seu vazio. Assim, cabe retomar a questão da qualidade psíquica dos cuidadores e da importância inegável dos investimentos parentais iniciais, considerando-se o desenvolvimento de um psiquismo que possa dispor de recursos para o enfrentamento da etapa da adolescência.

Ainda que o psiquismo seja um sistema aberto, passível de mudanças ao longo de todo o desenvolvimento humano, estando em um “permanente intercâmbio e uma complexa rede de inter-relações entre sujeito e objeto” (Macedo e Falcão, 2005, p.71), sabe-se que as exigências tendem a ser mais intensas na adolescência, na medida em que, dentre outras tarefas, a da aquisição da identidade (em tempos de imediatismo) é uma das mais desafiadoras. Nessa perspectiva, a fim de dar conta daquilo que o ideário contemporâneo cultural demanda, impõe-se também, na adolescência, a exigência de que os indivíduos possam investir em projetos de curto tempo com perspectivas de realização cada vez mais breves. Como consequência, não é possível ao sujeito se deter em qualquer tipo de fixação ou vocação, mantendo-se, sobretudo, no tempo presente – abolindo as dimensões de passado e futuro (Maia, 2004).

Nessa direção, assinala Bauman (2001) que se as regras, os códigos de conduta e o tempo eram anteriormente privilegiados através dos grupos de referência, na atualidade, observa-se a existência das comparações universais. Se o infinito, como tempo, é instantâneo, então a noção de mais tempo acrescenta pouco ao que já foi oferecido pelo momento, ou seja, não se tem ganhos com as considerações de longo prazo. Ainda em relação à urgência e ao imediato cultural, Birman (1999) ressalta que “os destinos do desejo assumem uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas. Esse é o trágico cenário para a implosão e a explosão da violência que marcam a atualidade” (p.25). A impossibilidade de reconhecer e admirar o outro em sua singularidade e diferença caracterizaria, portanto, a subjetividade de uma cultura do narcisismo. Pode-se pensar que daí também decorre a dificuldade do adolescente encontrar modelos seguros que o impulsione para o ingresso à vida adulta.

Em uma reflexão acerca da dimensão de excesso presente no sofrimento contemporâneo, Fortes (2008) reforça a relevância de se pensar um modelo deficitário para a

subjetividade, já que esta se relaciona diretamente com a demanda de desempenho. A autora propõe que “se por um lado a atualidade não tem a culpa como motor da produção de subjetividade, o vazio subjetivo se delinea hoje como um dos efeitos do próprio excesso. Num mundo sem mediação fica-se à mercê da lógica do tudo ou do nada” (p.64). Assim, a vivência de desamparo, revivida na adolescência como sofrimento típico do processo, parece cristalizar-se no contexto atual denunciando adolescentes condenados a um sofrimento, cujo incremento lhes provoca a recorrer, repetidamente, a passagens ao ato (Savietto, 2006). Nesse sentido, Dockhorn, Macedo e Werlang (2007) reforçam a importância da qualidade do espaço intersubjetivo, na medida em que se considera a condição de desamparo como essencialmente humana e determinante no que diz respeito à estruturação psíquica.

Todavia, há que se destacar não haver uma linearidade entre os excessos da cultura e a produção de sofrimento psíquico, ou seja, não se trata de uma leitura em uma dimensão de causa e efeito. O que se percebe na clínica psicanalítica é o fato de o adolescente chegar à adolescência, período por excelência de grandes transformações, apresentando-se com frágeis recursos psíquicos para o enfrentamento dessas exigências. Assim, cabe a reflexão a respeito do complexo processo de estruturação do psiquismo e todas as condições internas e externas que nele interferem, uma vez que na adolescência o jovem pode “catalisar” as demandas de sua época – tanto no contexto social, cultural, como familiar, aprisionando-se a elas de forma a convertê-las em patologia. Portanto, entende-se ser o espaço da análise do adolescente um cenário singular para a manifestação de seu padecimento, seja ele decorrente dos efeitos das transformações inerentes ao processo de adolecer, ou resultante de atravessamentos da cultura, cujos excessos se sobrepõem aos sofrimentos típicos desta etapa do ciclo vital. Evidencia-se, novamente, a importância do analista que, em seu ofício de escuta, vê-se frente ao desafio de desvelar algo que está “acobertado” pelo ato. Desse desafio resulta a possibilidade de, por meio do encontro analítico, dar-se a construção de recursos que ofereçam um sentido à dor psíquica.

A singularidade da escuta analítica da dor psíquica

A clínica psicanalítica é um espaço que abarca a capacidade de acolher a singularidade dos padecimentos humanos. Sabe-se que Freud introduziu diversas modificações na clínica da histeria. A primeira delas refere-se à introdução da escuta no método clínico, até então baseado na experiência e na hipnose (Berlinck, 2000). Freud, então, passa a se ocupar com os fenômenos que conduziam à dor psíquica, criando, assim, um método clínico de tratamento da neurose, “uma nova epistemologia segundo a qual o saber clínico ocorre na transferência”

(Berlinck, 2000 p.324). Assim, o nascimento da Psicanálise põe em evidência a natureza subjetiva de seu método, bem como anuncia, por meio do conceito de Inconsciente, uma visão de homem atravessada pela existência do psiquismo que extrapola a noção de consciência.

Sem dúvida, a Psicanálise mantém-se vigente e como um importante recurso para compreensão e intervenção nos padecimentos psíquicos. É no campo analítico, na qualidade do encontro afetivo, que se pode inaugurar uma escuta do singular e da atribuição de sentido para o excesso (Dockhorn, Macedo & Werlang, 2007). Segundo Kupermann (2008), é justamente

a presença sensível e o acolhimento promovido pelo psicanalista o que permite aos analisandos romper com a barreira do isolamento traumático no qual se encontram e desfrutar, as vezes pela primeira vez na vida, a onipotência e a irresponsabilidade da infância, ou seja, da capacidade lúdica e criativa implicada na realização de um gesto singular (p.180).

A Psicanálise deve ser constantemente desafiada em sua atualidade. Aos analistas impõe-se a responsabilidade de pensar uma psicanálise que se faça possível em um discurso no qual o analista possa ir à oposição à subjetividade de uma época (Besset, Cohen, Coutinho e Rubim, 2007). A Psicanálise é um saber aberto, que absorve e está implicada nos fatos da cultura, sendo cada releitura dela também uma ressignificação, conduzindo-a, assim, a uma atualização (Coutinho, 2008).

Nesse sentido, torna-se possível articular as modalidades de sofrimento da adolescência às transformações impostas pela contemporaneidade. Mais do que buscar categorias de padecimentos, há que se interrogar, conforme já destacado, sobre os efeitos destas transformações na adolescência. Considera-se relevante compreender que as demandas da sociedade atual, por vezes, sobrepõem-se às demandas típicas com as quais o adolescente se depara nesse período da vida, podendo a intensidade de excesso que as caracteriza assim como a ausência de recursos de enfrentamento por parte do adolescente desencadear ou incrementar padecimentos psíquicos.

A origem grega da palavra *pathos* se faz presente na palavra *patologia*, que significa sofrimento. Assim, Berlinck, (1999) demarca, com propriedade, que uma *pathos* acontece quando “algo da ordem do excesso, da desmesura se põe em marcha sem que o eu possa se assenhorar desse acontecimento, a não ser como paciente, como ator” (p.18). Cabe destacar que, já em 1895, em seu texto Projeto para uma psicologia científica, Freud, (1895/1987) ao descrever o complexo processo do funcionamento do aparelho psíquico, aborda a questão da dor, propondo que o sistema neuronal objetiva evitá-la, desafiando a capacidade de contenção

entre os neurônios. Assim, a idéia de excesso está associada à dor, na qual o psiquismo experimenta a invasão de grandes quantidades de tensão, com uma conseqüente urgência de descarga que impõe ao sujeito uma condição de desamparo.

Para Dockhorn, Macedo e Werlang (2007), o conceito de trauma ganha vitalidade e atualidade uma vez que pode ser pensado como uma situação na qual irrompem quantidades, estímulos e experiências que o psiquismo não é capaz de processar. Seja como excesso de ausência ou no excesso de presença, o conceito de trauma aqui se refere ao impacto daquilo que resiste ao universo de representações do sujeito pela sua intensidade. A partir dessa definição de trauma, pode se pensar que a solução encontrada pelo adolescente para expressão de seu sofrimento psíquico dependerá da qualidade dos recursos psíquicos disponíveis.

A cultura contemporânea do instantâneo e da idealização, conforme abordado anteriormente, parecem fomentar espaços nos quais os excessos vivenciados conduzem às descargas *imediatas*. Observa-se que, em uma tentativa de evitar deparar-se com sua dor psíquica, o adolescente comumente encontra no corpo uma forma de descarga. Nessa perspectiva, Macedo, Gobbi e Waschburger (2004) propõem que o adolescente:

utiliza-se de condutas que chocam, atemorizam e paralisam, deixando a cargo do outro o que evita reconhecer ou tem dificuldade de elaborar em si mesmo. Sendo o corpo um cenário privilegiado de expressão do psiquismo na adolescência, é indispensável escutar o que ele tem a nos dizer. Para tanto, é prioridade traduzir esta linguagem impressa no corpo; um corpo como proposto pela Psicanálise, um corpo simbólico (p.96).

Comportamentos agressivos do adolescente podem ser entendidos como um recurso em busca de acolhimento, contenção. Ou seja, para Maia e Pinheiro (2008), “podemos entendê-los como um movimento psíquico que aponta para vivências infantis que, por não terem encontrado outras maneiras de elaboração e simbolização adequadas, retornam no plano emudecido da atuação” (p. 85). Segundo Coutinho (2008), o uso e abuso de drogas, lícitas e ilícitas, por exemplo, é um dos recursos mais comuns de descarga no corpo, na busca da exaltação e sensação de completude - uma ausência de conflitos. Há uma tentativa de negação de uma dimensão de si mesmo. Assim, tem-se um corpo que funciona e que atenua a dor de viver. Evidentemente, o problema que se apresenta é o retorno da angústia, quando do término do prazer efêmero e o conseqüente aprisionamento do sujeito, num agir repetitivo. Portanto, em uma dinâmica que se instala um circuito de dor, diante da impossibilidade de representação, o ato torna-se a única alternativa de descarga (Macedo & Werlang, 2007).

Nesse sentido, retomando-se a noção de *pathos*, Berlinck (1999) reforça a idéia de

que a patologia vem *de longe e de fora*, tomando o corpo e fazendo-o sofrer. Nesse sentido, o autor sugere que se deve transformar *pathos* em experiência, como algo além do transitório, que seja capaz de ampliar e enriquecer o pensamento. Assim, o corpo em si não é doente, é necessário que ele seja acometido por algo, *de fora*, seja um vírus ou uma crise psíquica para se instalar. Pode-se pensar que tanto o processo de estruturação do eu, mediado pelo campo da alteridade, quanto a cultura na qual está inserido o sujeito representam fatores que vêm *de fora*, como se refere o autor, considerando-se o *ser acometido* como referente às reações do sujeito às imposições da realidade.

A possibilidade de atribuir um sentido às dores e seus destinos, em meio à trama de tarefas típicas do processo adolescente e às demandas da cultura que se sobrepõem a estes sofrimentos, reside na possibilidade de o adolescente ter um espaço em que ele possa expressar o seu sofrimento e suas vivências e experimentar uma escuta singular, ainda que essa seja permeada por desafios. Entretanto, Maia (2004) propõe que se reflita sobre a questão de que *agir a dor* é diferente de *expressar a dor*. E, nesse sentido, entende-se que a análise visa, sobretudo, transformar esse agir sintomático em uma expressão de dor por meio da atribuição de sentido às intensidades que acometem o sujeito adolescente.

Nesse contexto, a transferência se apresenta como um espaço privilegiado do campo analítico. Na clínica psicanalítica com adolescentes, não é diferente. É inegável que um dos achados de Freud se refere ao fenômeno da transferência, o qual Laplanche e Pontalis (2008) destacam ser classicamente reconhecido na Psicanálise como “o terreno que se dá a problemática do de um tratamento psicanalítico, pois são a sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e a sua resolução que caracterizam este” (p. 514). Macedo (2005) acrescenta que, ao propor “um trabalho de pensamento utilizando a transferência, a psicanálise afasta-se, definitivamente, da sugestão, reafirmando seu objetivo de remeter a história, mas não de meramente repetir a história. Define-se, assim, como um trabalho especial de simbolização” (pag. 151).

Por meio do fenômeno transferencial, a história do sujeito é revivida na relação com o analista, uma vez que, neste encontro, a palavra conduzida a ele será remetida às suas originais determinações. Com o intuito de processar os excessos que irrompem no psiquismo e objetivando a transformação de uma situação de padecimento psíquico, o sujeito experimenta a condição singular oferecida pelo encontro analítico, que lhe permitirá, ao converter a dor em palavras, recursos para atribuição de sentido ao seu sofrimento (Dockhorn, Macedo & Werlang, 2007). Para Kupermann (2008), torna-se importante destacar que o inconsciente não é algo fixo e acabado à espera de revelações, mas

uma produção da análise, uma entre várias possibilidades de constituição de um saber que diz respeito *àquela* análise e, portanto, ao encontro das singularidades *daquele* analisando com *aquele* analista. Produzir esse saber envolve a superação da dor da resistência e exige, em contrapartida, trabalho psíquico do analista. É no campo transferencial, finalmente, que o trabalho psíquico do analista exerce efeitos terapêuticos (Kupermann, 2008, pag. 78).

Quando o ato substitui o lugar da palavra, a escuta é, da mesma forma, ferramenta essencial no campo analítico. Escutar o *ato-dor* é escutar aquilo que não foi representado. Macedo e Werlang (2007) propõem o termo *ato-dor* ao trabalharem a temática da passagem ao ato na situação do suicídio, a partir da leitura reformulação dos textos freudianos da teoria do trauma na década de 1920. Segundo as autoras,

essa teoria sustenta o argumento de ser a tentativa de suicídio decorrente da força do traumático, portanto, um *ato-dor*. Assim, o trauma alude a uma *dor irrepresentável*, que tem como consequência um ato que ocorre sem mediação e sem adiamento, daí seu caráter violento. A quantidade que irrompe no psiquismo buscará uma forma de descarga sendo que, na situação da tentativa de suicídio, o ‘violento’ dirige-se contra a própria pessoa no ato de buscar a própria morte (p. 185).

Assim, a repetição da descarga em ato será trabalhada e nomeada no campo da transferência podendo-se inaugurar, junto com o paciente, a construção de palavras capazes de processar o excesso (Macedo & Werlang, 2007). Por outro lado, Castro e Timmen (2009) atentam para o fato de que é comum que a escuta destes quadros desperte “mal-estar, desesperança e cansaço, conduzindo-o ao não-entendimento, ao não-pensar e à tendência à contra-atuação” (p.183). Todavia, há que ser considerada a necessidade de o profissional que trabalha com adolescentes dispor de algumas características essenciais para o exercício da escuta, tais como “certa elasticidade e tolerância, alguma dose de bom humor e gosto pela novidade e desafio, discriminando-nos como adultos que têm que zelar pela sua função psicanalítica” (Castro & Timmen, 2009, p.182).

Nesse sentido, o *setting* analítico deve se configurar como um espaço de escuta continente a dor psíquica, independente de configuração ou intensidade. Kehl (2002) sugere que deve haver sempre três: o analisando, o analista e o corpo teórico da psicanálise, pelo qual o analista é responsável. E este corpo teórico, segundo a autora, tem condições de sustentar que aceitar o outro em sua singularidade, de semelhança e diferença, é condição crucial para a construção de uma proposta ética para os tempos atuais. Para Meira (2009), é a segurança oferecida pelo campo teórico que permite transitar com liberdade pelo desconhecido. Apesar

disso, a autora propõe que a prática seja espontânea e natural e que tais conceitos não sejam utilizados nas intervenções como produto de um discurso intelectualizado.

Entende-se, portanto, que a especificidade do encontro analítico com o adolescente pode provocar um rompimento das expressões de intensidades, por meio da construção de um espaço que esteja na contramão da urgência, do consumo e da desintegração, conforme proposto nestes modelos e demandas da contemporaneidade, que desconsideram as exigências presentes em um genuíno processo de subjetivação. A proposta de *fluidez* dos tempos que propõe Bauman (2001) conduz a uma associação com a falta de *forma* do adolescente, que denota, por vezes, a falta de cuidados e atenção do outro ao seu desamparo. Nesse sentido, o fazer do analista instala-se como um campo de construção de uma *forma* que não tem a intenção de “engessar” o adolescente em sua dor - mas de acompanhá-lo no processo de construção de recursos psíquicos que lhe permitam habitar os terrenos desafiadores e desconhecidos da *sua* adolescência livre de seu padecimento.

Considerações Finais

Os tempos atuais estão marcados pelos excessos, os quais, por consequência, produzem inegáveis efeitos no processo de subjetivação. Fluidez, hiperespetáculo, hipermodernidade são alguns dos adjetivos propostos na literatura para nomear a cultura que se instaura nos tempos pós-modernos da sociedade ocidental (Bauman, 2004; Lipovetsky, 2004; Silva, 2007). No entanto, constata-se que atribuir à cultura o único poder de adoecer o sujeito implica realizar uma leitura linear e desconsiderar a complexidade que se faz presente na dinâmica das relações humanas. Entende-se que cultura é um forte representante do campo intersubjetivo, sendo relevante pensar as modalidades por meio das quais a complexidade própria da adolescência pode ser incrementada em seus desafios e dificuldades. Nessas condições, evidencia-se uma frágil demarcação entre o que caracteriza a crise da adolescência e o que se instala no campo da psicopatologia.

Percebe-se que, diante dos desafios que o adolescente se depara ao longo do seu processo, a necessária definição da identidade assim como estabelecer investimentos no campo exogâmico destacam-se pela complexidade que se faz presente em sua realização. Sabe-se que a possibilidade de o adolescente avançar e se desenvolver diante de tais tarefas está atrelada à disponibilidade de investimentos referentes a seus recursos psíquicos, a qualidade estabelecida no campo da alteridade, bem como aos aspectos culturais da sociedade em que o jovem está inserido. Por isso, refletir a respeito dos efeitos da contemporaneidade em relação ao processo adolescente significa incluir as influências destes tempos sobre as

configurações familiares, os vínculos e as modalidades de demandas que se dirigem ao adolescente.

Os pressupostos teóricos e técnicos da Psicanálise constituem um importante recurso para compreensão das singularidades das vivências e do padecimento psíquico adolescente. Dessa forma, procurou-se destacar neste estudo a importância do espaço analítico para o trabalho com o adolescente. Torna-se evidente que a experiência da análise se estabelece como uma possibilidade de o sujeito inaugurar, por meio de um outro com uma escuta qualificada e de dimensão ética, a construção e a atribuição de sentido para o excesso.

Sabe-se que abordar a temática da adolescência implica o reconhecimento da existência de uma multiplicidade de fatores que nela convergem. É inegável que a adolescência não pode ser abordada desde um único ponto de vista. Daí decorre a contribuição valiosa dos aportes da Psicanálise ao dar destaque aos aspectos singulares e complexos que se fazem presentes nesta etapa da vida. A temática adolescente é complexa, especialmente por estar implicada nos efeitos das experiências que se dão no campo do intersubjetivo. Certamente as possibilidades de estudo e de compreensão de tal tema não se esgotam. Entende-se que o âmbito da pesquisa provoca a abertura de outros caminhos para novas perspectivas de reflexão que possibilitem acolher a diversidade e a singularidade do sofrimento evidenciado nesta etapa, bem como para a construção de medidas preventivas de intervenção na clínica da adolescência. A possibilidade de profissionais da ciência psicológica refletirem e compartilharem estudos a respeito da complexidade da adolescência em tempos de urgências e de restrito espaço para as dores psíquicas permite vislumbrar, tal como no campo analítico, um processo compartilhado de atribuição de significados ao “desconhecido” destas intensidades contemporâneas – que também são singulares.

Referências

- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Benetti, S. P. C., Ramires, V. R. R., Schneider, A. C., Rodrigues, A. P. G., & Tremarin, D. (2007). Adolescência e saúde mental: revisão de artigos brasileiros publicados em periódicos nacionais. *Cadernos de Saúde Pública*, 23 (6), 1273-1282.
- Berlinck, M. T. (1999). *Dor*. São Paulo: Escuta.
- Berlinck, M. T. (2000). *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta.
- Besset, V. L., Cohen, R. H. de P., Coutinho, L. G., & Rubim, L. M. (2007). A psicanálise na cultura: novas formas de intervenção. *Psicologia em Revista*, 13 (1), 27-40
- Birman, J. (1999). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Canhoni, V. (2007). Uma questão de imagem. O olhar adolescente [Edição especial]. *Revista Mente e cérebro*, 4, 39-47.
- Castro, M. da G. K., & Timmen, V. F. (2009). Formas comunicativas na psicoterapia com adolescentes. In M. da G. K. Castro & A. Sturmer, *Crianças e Adolescentes em Psicoterapia: A Abordagem Psicanalítica* (pp. 175-192). Porto Alegre: Artmed.
- Coutinho, A. (2008). A escuta analítica, o corpo e a contemporaneidade. *Tempo psicanalítico*, 40 (2), 307-326.
- Coutinho, L. G. (2006). Pensando sobre as especificidades da clínica psicanalítica com adolescentes [Versão Eletrônica]. *Latin-american journal of fundamental psychopathology*, 2. Retirado em 20/05/08, de <http://www.fundamentalpsychopathology.org/journal/nov6/5.pdf>.
- Dockhorn, C. N. de B. F., Macedo, M. M. K., & Werlang, B. S. G. (2007). Desamparo e dor psíquica na escuta da psicanálise. *Barbarói*. 27, 25-42
- Fortes, I. (2008) A dimensão do excesso no sofrimento contemporâneo. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 21 (3), 63-74
- Freud, S. (1987/1895). Projeto para uma psicologia científica. In J. Strachey (Ed. E Trad.) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago.
- Hohlfeldt, A. (2007). Imagem e identidade através da cultura ocidental. In C. F. Gutfreind & J. M. Silva (Orgs), *Guy Debord antes e depois do espetáculo* (pp. 89-104). Porto Alegre: EDIPUCRS.

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente [Versão Eletrônica]. Retirado em 26/05/08 de <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/estatuto/index.html>>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2007). *Censos 2007* [Versão Eletrônica]. Retirado em 26/05/08 de <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/censos2007/index.html>>
- Kehl, M. R. (2002). *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kupermann, D. (2008). *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2008). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lipovetsky, G., & Charles, S. (2004). *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Macedo, M.M.K.; Werlang, B.S.G & Dockhorn, C. N.B.F. (2008). Vorstellung: a questão da representabilidade. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, 28(1), 68-81.
- Macedo, M. M. K. (2005). Transferência: uma esperada visita inesperada. In M. M. K. Macedo, *Neurose: leituras psicanalíticas* (2ª ed, pp. 135-152). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Macedo, M. M. K., & Falcão, C. N. de B. (2005). A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. *Revista Psychê*, 9 (15), 65-76.
- Macedo, M. M. K., & Werlang, B. S. G. (2007). Tentativa de Suicídio: O Traumático Via Ato-Dor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (2), 185-194.
- Macedo, M. M. K., & Werlang, B. S. G. (2007). Trauma, dor e ato: o olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 10, (1), 89-106.
- Macedo, M. M. K., Azevedo, B. H., & Castan, J. U. (2004). Adolescência e Psicanálise. In M. M. K. Macedo (Org.). *Adolescência e Psicanálise: interseções possíveis* (pp. 13-65). Porto Alegre: Edipucrs.
- Macedo, M. M. K., Gobbi, A. S., & Waschburger, E. M. P. (2004). O corpo na Adolescência: território de enlases e desenlases. In M. M. K. Macedo (Org.). *Adolescência e Psicanálise: interseções possíveis* (pp. 85-113). Porto Alegre: Edipucrs.
- Maia, M. S. (2004). *Extremos da Alma: Dor e trauma na atualidade e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Maia, M. V. M., & Pinheiro, N. N. B. (2008, Maio). Um mundo arcaico de vastas emoções e pensamentos imperfeitos: reflexões sobre sonhos e atos agressivos na adolescência *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology*, 5, (1). 84-93

- Meira, A. C. S. (2009). Condições essenciais do psicoterapeuta de crianças e adolescentes. In M. da G. K. Castro & A. Sturmer, *Crianças e Adolescentes em Psicoterapia: A Abordagem Psicanalítica* (pp. 42-54). Porto Alegre: Artmed.
- Retondar, A. M. (2008). A (re)construção do indivíduo: a sociedade de consumo como "contexto social" de produção de subjetividades. *Sociedade e Estado*, 23 (1), 137-170.
- Rocha, S. P. V. (2005). O homem sem qualidades: modernidade, consumo e identidade cultural. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, 2 (3), 111-122.
- Rosa, M. D. (2002). Adolescência: da cena familiar à cena social. *Revista Psicologia USP*, 13 (2). [Versão Eletrônica]. Retirado em 20/05/08, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642002000200013&script=sci_arttext&tlng=es.
- Savietto, B. B. de A. (2006). *Passagem ao ato e adolescência contemporânea: pais "desmapeados", filhos desamparados*. Disponível em <http://www.fundamentalpsychopathology.org/anais2006/fedida/3.men.htm>. Acesso em 29/07/09
- Savietto, B. B., & Cardoso, M. R. (2006). Adolescência: ato e atualidade. *Revista Mal-estar na subjetividade*, 6 (1). Retirado em 20/05/08, de <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27160103&iCveNum=6517>
- Silva, J. M. (2007). Depois do espetáculo (Reflexões sobre a tese 4 de Guy Debord). In C. F. Gutfreind & J. M. Silva (Orgs), *Guy Debord antes e depois do espetáculo* (pp. 31-42). Porto Alegre: EDPUCRS.
- Teixeira, M.C. (2008). Adolescência contemporânea entre a modernidade irônica e uma educação para a língua. *E-com Belo Horizonte*, 2 (2). [Versão Eletrônica]. Retirado em 20/09/09 de <http://site1.unibh.br/imgMarketing/revistas/ecom/include/getdoc.php?id=143&article=49&mode=pdf>
- World Health Organization. (2008). *Guidelines for research on reproductive health involving adolescents*. [Versão Eletrônica]. Retirado em 26/05/2008, de http://www.who.int/reproductive-health/hrp/guidelines_adolescent.html.

SEÇÃO II

**A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM ADOLESCENTES: ESPECIFICIDADES
DE UM ENCONTRO ANALÍTICO**

Introdução

O processo adolescente abarca um importante trabalho de transformações tanto psíquicas quanto físicas. Neste sentido a adolescência é uma etapa da vida marcada por complexas demandas que resultam em inegável exigência de investimentos por parte do sujeito. Os fatores biológicos, nomeados como intrínsecos da puberdade, designam as mudanças corporais e fisiológicas, enquanto as demandas psíquicas compreendem um intenso trabalho de metabolização de transformações psicossociais e estão mais especificamente associadas ao termo adolescência (Levisky, 1995, Blos, 1998; Macedo, Fensterseifer & Werlang, 2004). Tais processos, biológicos e psicossociais, ainda que estejam mutuamente implicados e possam ocorrer simultaneamente durante esse período, são compreendidos como eventos distintos, devido a suas especificidades.

A construção de uma nova identidade é a principal tarefa psíquica da adolescência (Macedo, Azevedo & Castan, 2004). Na medida em que a identidade de uma pessoa resulta de um complexo processo no qual um dos aspectos envolvidos refere-se à internalização de enunciados identificatórios, sabe-se que, na origem de uma imagem de si mesmo, deve-se considerar a importância da família e da sociedade. Na adolescência, ocorrerá um trabalho de ressignificação da identidade, possibilitando o acesso ao jovem à outra etapa do ciclo vital. A sociedade oferece, de acordo com a sua cultura, rituais tradicionais de passagem à idade adulta que funcionam como mediações simbólicas entre o adolescente e o meio, que lhe conferirão o *status* de adulto. O apoio parental é, dentre outros fatores, crucial para que uma transição ocorra do território privado ao social. A adolescência, nesse sentido, marca o acesso à experiência do campo da alteridade e conquista ampliação dos investimentos psíquicos.

Na atualidade, constata-se, entretanto, que transformações ligadas à experiência dos ritos de passagem, associadas à própria complexidade deste período do ciclo vital, podem dificultar a identificação de características que denotem a progressão da adolescência para a adultez. Observa-se, assim, cada vez mais, como efeito das transformações sociais e culturais, uma redução do período historicamente caracterizado como infância e a decorrente expansão da adolescência. Nessa linha de raciocínio, Birman (2006) considera que a contemporaneidade vive tempos de uma adultez com critérios indefinidos, fato que dificulta demarcações, em termos de subjetividade, das idades da vida. O autor propõe que se estabelece uma conseqüente desordem no contexto familiar, na qual a relação com a questão dos cuidados foi significativamente afetada, refletindo nas novas formas de subjetivação da adolescência. O tema do cuidado remete a uma assimetria necessária entre a criança e o adulto, a partir da qual se constroem condições para uma progressiva autonomia no campo

intersubjetivo.

Winnicott (1975), psicanalista inglês, a partir de sua experiência no exercício da pediatria contribui com proposições a respeito da importância do desenvolvimento emocional primitivo ao afirmar que uma fonte comum de confusão é o fato de as famílias julgarem que, por terem criado bem seus bebês e crianças, diminuirão os ‘problemas na adolescência’. Segundo o autor, como a adolescência é um período no qual os sucessos e os fracassos da criança retornam para acomodar-se, “alguns dos problemas mais atuais são próprios dos elementos positivos da educação moderna e das atitudes modernas em relação aos direitos do indivíduo” (p.193). Há que se cuidar e escutar o adolescente, portanto, levando em conta seu contexto e sua singularidade.

Percebe-se que, por vezes, as demandas que adentram a clínica psicanalítica podem ser originadas de uma necessidade do adolescente ou originadas de uma necessidade do contexto social principal (família e escola), que expressa alguma preocupação/queixa a respeito do adolescente. É comum que algumas manifestações da adolescência sejam recebidas com desconforto, necessitando, por vezes, da atribuição de um “rótulo” que normatize e padronize tais manifestações. Há casos nos quais se passam com um adolescente que dizem respeito a manifestações de conflitivas referentes à temática da *diferença*, do rompimento, das transformações que, inclusive, podem representar sua saída para a saúde. Daí a importância da escuta do aspecto inegável de singularidade presente em cada padecimento humano, independente da idade em que ocorra.

Considerando-se, portanto, que os motivos de busca de um tratamento possam variar, sabe-se que a vivência da escuta do paciente, seja via palavra ou via conduta, possibilita uma atribuição única de sentido às suas dores. A Psicanálise, diante da singularidade de cada sujeito, coloca-se como um importante recurso para compreensão e intervenção nos padecimentos psíquicos. É possível, desde um ponto de vista que enfatiza a complexidade inerente ao humano, articular as modalidades de sofrimento da adolescência as transformações impostas pela contemporaneidade. Mais do que criar categorias de padecimentos, busca-se a interrogação dos efeitos destas transformações especificamente na adolescência. O que se pode esperar da Psicanálise nos tempos atuais é, segundo Dockhorn e Macedo (2008)

a construção de um espaço onde o intrapsíquico é priorizado, a singularidade respeitada e a implicação do sujeito em seu padecimento pode ser escutada. Busca-se, dessa forma, possibilitar trocas intersubjetivas mais ricas e menos fugazes, narcísicas, perversas, vazias. O que se pode esperar é um espaço onde o desejo possa ser

reconhecido, onde o sujeito reconheça-se como ser desejante (p.14).

Segundo as autoras, será pela via da transferência que a repetição poderá ser interrompida. O analista, neste espaço de intersubjetividade, oferece ao paciente possibilidades de novas simbolizações e, ambos caminham juntos, rumo à possibilidades singulares para o indivíduo. No cruzamento das temáticas entre adolescência e Psicanálise, cabe questionar como se presentificam na contemporaneidade as demandas para a escuta.

Em seu artigo sobre a análise de adolescentes, Kupermann (2007) destaca que a clínica com adolescentes impõe ao analista constantes desafios ao longo de todo o tratamento. No início, por exemplo, o principal desafio reside na (im)precisão da indicação do tratamento, a partir de uma queixa do adolescente ou de seu contexto social. Há que se avaliar, por meio da escuta analítica, se trata-se de um padecimento psíquico, típico ou não, no qual o adolescente se beneficiaria com o processo de análise. Dessas dificuldades decorrem interrogações teóricas e técnicas dos analistas que estão, em uma dimensão ética, atreladas à responsabilidade com a manutenção de uma prática atualizada (formação) e a efetividade do tratamento.

Assim sendo, considera-se relevante uma compreensão aprofundada dos efeitos socioculturais no processo de subjetivação do adolescente, tomando-se como eixo central a escuta analítica. Considerando a importância deste momento do ciclo vital, sua inegável relação com fatores sociais e culturais, assim como a demanda intensa de trabalho psíquico que a Psicanálise enfatiza ao referir a temática adolescente, este estudo buscou conhecer e explorar as demandas e modalidades de padecimento psíquico, características e peculiaridades da clínica contemporânea da adolescência. Na medida em que a escuta apresenta-se como ferramenta clínica essencial no exercício da psicanálise, tomou-se como ponto de partida a experiência de analistas no atendimento clínico de adolescentes.

Método

Participaram deste estudo dez psicanalistas da cidade de Porto Alegre, localizados por conveniência, independentes de instituição formadora, com experiência de um período mínimo de 10 anos de prática clínica no atendimento de pacientes adolescentes. Após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, foram contatados psicanalistas por indicação de seus pares. No contato pessoal inicial com os possíveis participantes, foram esclarecidos os objetivos e procedimentos da investigação. Obtida a concordância em participar, foram marcadas as entrevistas em locais convenientes para os entrevistados.

Todos os participantes (três homens e sete mulheres) assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) e responderam a uma entrevista semiestruturada de questões abertas, na qual foram contemplados os seguintes tópicos: particularidades que levam um adolescente a buscar atendimento psicanalítico, demandas e configurações de padecimentos psíquicos apresentadas por adolescentes em relação ao contexto contemporâneo, relação entre adolescência e sofrimento psíquico, interrogações teóricas e técnicas referidas pelos psicanalistas oriundas da escuta psicanalítica da clínica com adolescentes.

Turato (2003) assevera que a modalidade de entrevista semiestruturada é de extrema utilidade porque garante ao pesquisador a obtenção das informações previstas, ao mesmo tempo em que possibilita ao participante liberdade para responder e seguir, de forma espontânea, a linha de seu pensamento. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas para garantir a fidedignidade dos dados. Após a transcrição, foram identificadas, a partir das verbalizações dos participantes, categorias de análise, cujos dados foram analisados através da técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (1988) na proposta de Moraes (1999).

Resultados e Discussão

Os dados sociodemográficos que caracterizam os participantes deste estudo podem ser observados na Tabela 1:

TABELA 1

Sumarização dos dados dos participantes obtidos na entrevista

<i>Participante</i>	<i>Sexo</i>	<i>Idade</i>	<i>Formação</i>	<i>Graduação (anos)</i>	<i>Prática Clínica(anos)</i>
P1	Feminino	45	Psicologia	20	20
P2	Feminino	45	Psicologia	10	10
P3	Feminino	50	Psicologia	26	20
P4	Feminino	58	Medicina	33	30
P5	Feminino	50	Psicologia	12	12
P6	Feminino	34	Psicologia	12	12
P7	Masculino	57	Medicina	31	30
P8	Masculino	48	Medicina	26	20
P9	Masculino	61	Medicina	37	34
P10	Feminino	57	Psicologia	33	33

A idade média dos participantes deste estudo é de 50,5 anos. A média de tempo de graduação é de 24 anos. A média de tempo de atendimento na clínica psicanalítica é de 22,1 anos; todos os participantes têm experiência na clínica de adolescentes de, no mínimo, dez anos. Três participantes são do sexo masculino, e sete são do sexo feminino, sendo do total, quatro médicos psiquiatras e seis psicólogos.

Após a análise do material obtido nas dez entrevistas realizadas, foram definidas as unidades de significado, as quais foram organizadas em categorias iniciais. A descrição de cada categoria final foi estruturada a partir das categorias intermediárias que lhe deram origem (Tabela 2); sendo, com a finalidade de proporcionar rigor e validade às categorias, transcritas, de forma fiel, algumas verbalizações dos participantes entrevistados.

TABELA 2

Categorização inicial, intermediária e final dos dados obtidos nas entrevistas com os dez participantes do estudo.

Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categorias Finais	
Novas configurações familiares como possibilidades de novos modelos de referência para o adolescente	Relações familiares: cenário de experiências de amparo e desamparo frente às exigências do processo adolescente	A família e a escola como campos fundamentais da experiência intersubjetiva do adolescente	
Novas configurações familiares como desafio a capacidade de flexibilização do adolescente			
Novas configurações familiares dificultando o estabelecimento de limites estruturantes para o adolescente			
Confusão na delimitação de papéis na família			
Família identificando preocupações e encaminhando o adolescente para tratamento			
Imposições de ideais no contexto familiar	O espaço da escola para a expressão de dor psíquica		
A escola como palco para a expressão das dificuldades do adolescente			
A escola como possibilidade de detectar 'problemas' na adolescência	Efeitos dos enlaces e desenlaces entre as demandas externas e recursos intrapsíquicos		
Adolescente como caixa de ressonância dos processos culturais atuais			
Angústia generalizada			
Angústia no corpo			
Problemáticas relacionadas à alteridade			
Sofrimentos típicos da adolescência	Influências da cultura nas formas de expressão de padecimento psíquico do adolescente	Necessidade de recursos psíquicos: exigências para o enfrentamento do processo de ressignificação do si mesmo	
Cultura como incremento da descarga em ato			
Cultura do imediatismo			
Efeitos da violência na contemporaneidade			
Internet como possibilidade irrestrita de informações			
Internet empobrecendo os vínculos	Passividade como característica dominante no campo intersubjetivo frente ao empobrecimento do si mesmo		
Vínculos e expressões narcisistas da cultura atual			
História inicial de desamparo			
Apatia	Padecimentos/Patologias do Ato como descarga de intensidades		
Desmotivação/desinteresse			
Descargas no corpo como alternativa frente às experiências do processo de subjetivação	Transformações necessárias no espaço clínico (teoria/técnica)	Desafios e inquietações no campo analítico: especificidades teóricas e técnicas a partir da escuta de adolescentes	
Uso de drogas como alternativa frente às experiências do processo de subjetivação			
Modelo de sociedade imediatista contribuindo para dificuldades no enquadre			
Leitura não linear do padecimento psíquico adolescente			
Benefícios do tratamento			
Desafios do trabalho analítico			
Interrogantes sobre o sintoma adolescente			
Impasses na técnica			
Especificidades da técnica com adolescentes			Complexidade dos padecimentos psíquicos adolescentes
Estabelecimento do vínculo como base para o tratamento do adolescente			
Recursos teóricos para o atendimento das demandas atuais			
Recursos técnicos para o atendimento das demandas atuais			

A primeira categoria final foi denominada *A família e a escola como campos fundamentais da experiência intersubjetiva do adolescente*. A adolescência contempla um espaço de interrogações e incertezas a respeito do si mesmo e de suas relações com o semelhante. A família é o espaço que inaugura a experiência intersubjetiva de um indivíduo (Macedo, Fensterseifer & Werlang, 2004), e o narcisismo torna-se eixo central deste processo. Nessa perspectiva, os entrevistados referem, a partir de sua escuta na clínica, uma grande preocupação acerca da fragilidade psíquica que se faz presente desde a chegada de adolescentes no espaço da clínica:

É um psiquismo que já vem mal estruturado, como é que ele vai se apresentar nesse momento, nessa faixa etária, com tantas mudanças físicas, psíquicas e juntando a isso mais a exigência de uma sociedade, o momento atual que a gente está vivendo? Eu relaciono a isso, um psiquismo que está em estruturação, que chega numa fase muito mal preparado, que se vê muito exigido e não tem estrutura pra isso. Então como é que ele vai reagir? Quais são as defesas que vai lançar? Por onde é que ele vai circular pra dar conta de tudo isso? (P1).

É possível refletir sobre um aspecto desta fragilidade a partir de considerações sobre o processo de estruturação do psiquismo. A respeito da constituição do eu, Hornstein (1989) afirma que o sujeito há que ser adequadamente narcisizado desde os pais. Este processo de narcisização refere-se ao encontro no campo intersubjetivo que compreende, por parte das figuras significativas na vida da criança, uma experiência com os enunciados de um outro a respeito do eu incipiente (Hornstein, 1989). Neste movimento, a criança ao se identificar com aquilo que é enunciado desde o outro, inaugura seu espaço próprio de subjetividade. Freud, (1914/1969) em seu texto sobre o narcisismo, assevera que, ao contrário de um estado inicial da libido, denominado autoerotismo, o ego tem de ser desenvolvido, ou seja, “os instintos autoeróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo” (p.84). Pode-se pensar, portanto, nas identificações como sendo esta nova ação psíquica que permite o surgimento do eu.

De acordo com Laplanche e Pontalis (2008), a identificação é “o processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações” (p.226). O desejo, representado pelo discurso familiar, seria, portanto, o modelo identificatório por excelência a ser assimilado pelo eu infantil. Nesse sentido, Lerner (2007) assinala que o marco e a condição para a produção de

subjetividade de um sujeito se dão pelo intercâmbio social. O meio configura um campo de expectativas às figuras parentais as quais resultam na produção de expectativas à criança.

Freud (1914/1969) utiliza o termo “Sua Majestade o Bebê” para definir o lugar especial ocupado pela criança a partir dos investimentos parentais. Segundo o autor, os pais, por sua vez, “sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados” (p.98). A qualidade dos investimentos parentais é, portanto, muito importante no que diz respeito ao processo de estruturação do eu e, também, no estabelecimento de ideais. Em relação aos ideais, cabe destacar sua intrínseca relação com a problemática narcisista e ao conceito freudiano de Ideal de Eu. Segundo Laplanche e Pontalis (2008), tal conceito trata da “Instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealizações do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com ideais coletivos. Enquanto instância diferenciada, o ideal de ego constitui-se um modelo a que o sujeito procura conformar-se” (Laplanche & Pontalis, 2008,p.222).

Hornstein (1989) destaca que, para uma reflexão acerca da estruturação da subjetividade, faz-se necessário um enlace com a teoria do *Édipo*, uma vez que todo o desenvolvimento humano está atravessado por aspectos relacionados ao nascimento, à separação (como individualizante), à triangulação edípica, à latência, à eleição de objeto, à adolescência. Consta-se que a vivência edípica trará importantes transformações ao narcisismo, ou seja, a experiência edípica produz efeitos relevantes no ego. Segundo o autor, a saída deste circuito culminaria, sumariamente, com o deslocamento libidinal para objetos exogâmicos. Assim, é a partir da elaboração de uma série de diferenças, desde a relação da mãe e do bebê, passando pelo enfrentamento com as diferenças entre as figuras parentais, entre os sexos e entre os espaços endogâmico e exogâmico, que o psiquismo reorganiza a representação de sua relação com o mundo (Hornstein, 1989).

Um aspecto essencial da adolescência diz respeito à reedição da conflitiva edípica, aspecto psíquico que marca de forma indelével este momento da vida. Sendo a adolescência um tempo de importantes ressignificações, frente à reedição desta temática, faz-se necessário que o adolescente renuncie aos objetos iniciais de amor e, a partir de desidealizações, encontre novos modelos de identificação que lhe possibilitem adquirir maior autonomia e maturidade em suas escolhas (Blos, 1998).

A intensidade com a qual retorna a questão edípica na adolescência associa-se, segundo Pinheiro (2001), ao fato de o objeto a ser abandonado, agora em favor de novos

investimentos, ser o mesmo que o narcisizou inicialmente, ou seja, é aquele objeto por meio do qual o adolescente, na infância, acreditava ter garantias de amor incondicional. Daí a dificuldade dessa tarefa, na medida em que os objetos do campo exogâmico não lhe assegurarão o afeto incondicional oferecido, ainda que ilusoriamente, pelas figuras parentais. Dessa forma, será preciso “denegrir a imagem dos objetos edipianos, que serão desalojados do lugar de ídolos que ocuparam na infância do adolescente passando a serem apontados como seres ‘menores’ que ‘nada sabem’” (Pinheiro, 2001, p.72).

Movimentos de ruptura e de experimentação, no entanto, são intrínsecos ao processo da adolescência e se dão por meio do ensaio frente a escolhas de soluções provisórias para situações para as quais o jovem ainda não possui recursos internos para reconhecer como genuínas (Macedo, Fensterseifer & Werlang, 2004). Nesse sentido, a sustentação por parte das figuras parentais por meio de mediações simbólicas, da atribuição de significados à palavra e às angústias adolescentes, torna-se essencial neste processo. Percebe-se, assim, a relevância que adquirem as situações nas quais as falhas nesta função das figuras paternas poderão ser vivenciadas como desamparo e desencadear maior fragilidade na organização psíquica, adquirindo um caráter traumático para o adolescente, conforme verbaliza a entrevistada:

Tu escutas e tu te preocupas, o que pode acontecer entre uma sessão e outra. Por quê? Porque esse sujeito não está só com a falta de recursos próprios da sua idade; ele ta com falta de recursos na organização de si mesmo (P10).

Os psicanalistas entrevistados têm observado com frequência, em suas práticas clínicas, o modo como as expectativas narcísicas dos pais também podem se instalar no campo da psicopatologia na medida em que impossibilitam o adolescente de constituir sua história como um sujeito singular. Nessas situações percebe-se a imposição no campo intersubjetivo de demandas parentais que invadem o espaço do adolescente. A violência implícita em tal situação pode ser comparada com a proposição de Hornstein (2008) a respeito da importância do ritmo entre a fusão e a separação do bebê com a mãe, no processo de narcisização da criança. Da qualidade deste encontro dependerá, segundo o autor, o significado atribuído ao outro, o qual poderá representar uma presença estruturante, ou uma presença arrasadora.

A fala dos entrevistados traduz a importância, assim como a constatação na clínica psicanalítica contemporânea, da presença dos aspectos referidos por Hornstein (2008). Segundo os entrevistados, esses aspectos surgem de diferentes maneiras. A entrevistada P10 questiona:

O que está caracterizando a nossa clínica da contemporaneidade? Esses adolescentes chegam atravessados pela expectativa narcisista dos pais. Só tem um lugar, o primeiro (P10).

A turbulência que é normal na adolescência ela é muito mal tolerada pela família, pelo adolescente, porque tem o reforço muito importante do social, do externo, do contemporâneo, para uma proibição de sentir sentimento. (...) A questão da subjetividade está profundamente comprometida, porque seu destino está traçado desde que nasceu. Ele vai ser o representante do sobrenome tal, vai herdar a empresa tal, vai ter que tocar a empresa tal e aí dessa criança ou desse adolescente que nasceu com dom pra ser músico, por exemplo, pobre criatura, porque não vai ter vez pra expressar o seu dom, o seu desejo, o seu potencial (...) E eu te diria que o que dá o gatilho está numa impossibilidade do adolescente de conter a sua ansiedade própria do período e a família muito pouco continente (P4).

Outro participante complementa:

Então o que eu percebo fundamentalmente é isso, na minha experiência, essa falta de modelos, de modelo de função paterna principalmente (P8).

Constata-se neste estudo que as configurações familiares contemporâneas no processo adolescente foram referidas muitas vezes pelos psicanalistas entrevistados. A educação dos filhos é considerada um desafio nos tempos atuais, contemplando aspectos que vão além dos conflitos de gerações comumente experimentados. Segundo Mayer (2001), impõe-se na contemporaneidade um mundo globalizado em um cenário de mudanças em intensa aceleração. Nessa perspectiva, discute-se o lugar da responsabilidade e dos limites na família. Parece haver um constante desprestígio da função paterna e a consequente dificuldade do exercício das funções de adulto de referência; constata-se como frequentemente os pais se colocam em posição de equidade com os filhos.

Roudinesco (2003) assinala que o princípio da autoridade, no qual sempre se baseou a família está, atualmente, em crise na sociedade ocidental. Segundo a autora, é possível perceber que, se, por um lado, esse princípio se opõe à realidade de um mundo unificado e sem fronteiras; por outro, instiga o restabelecimento da figura paterna, referida pela autora como a “figura perdida de Deus pai” (p.199), que se restaura sob a forma de tirania. Segundo a autora, a família, confrontada com este duplo movimento, “aparece como a única instância capaz, para o sujeito, de assumir esse conflito e favorecer o surgimento de uma nova ordem simbólica” (p.199). O relato dos entrevistados exemplifica a confusão dos papéis das figuras parentais, dentro de um contexto denominado de “novas configurações familiares”, que foram identificados a partir da escuta analítica:

Uma coisa um pouquinho atrapalhada é uma questão de limite em relação à família, a mãe, o pai muito atrapalhados no sentido de quem é o pai e quem é a mãe, quem manda em quem, pais saindo com os filhos e mães saindo com as filhas (P5).

E agora, tem a namorada do pai, a família da namorada, o filho da namorada... E, parece, assim, que [os adolescentes] se sentem exigidos no sentido de ter mais flexibilidade, de dar conta dessas coisas. Um efeito que, não necessariamente que eu veja sintomas em função disso, sabe? Um efeito no sentido de que provoca uma exigência de trabalho (P3).

Todavia, percebe-se na fala do entrevistado P9, que as novas configurações familiares podem ser também entendidas como benéficas para os adolescentes:

Há uma oportunidade muito maior, às vezes, de novos modelos também para esses adolescentes, que não ficam retidos naquela rigidez de padrões que eles conheciam anteriormente. Então acho um pouco preconceituoso partir de uma idéia de simplesmente que as relações instáveis, as novas buscas amorosas, o segundo, terceiro, quarto casamento, a presença de irmãos em configurações muito estranhas e muito variadas, de idades muitas vezes divergentes, de que isso por si só implicasse numa patologia dos processos (P9).

Considerando-se a fala dos participantes assim como as contribuições teóricas referidas, constata-se que, independente da configuração familiar, o que prevalece como condição importante no processo de subjetivação adolescente é a observância à qualidade das relações estabelecidas assim como um exercício das funções parentais por meio das quais a condição de desamparo ou de excesso não se faça presente. Sobre esse aspecto, a participante P10 destaca:

Pais mais voltados pra si mesmo, mais ocupados com as suas coisas, com as suas questões e aí, então, dão aquelas respostas: 'Chega a hora que tu quiseres ou quando terminar tu vem'. Isso dá uma desorganização e um desamparo nesse sujeito. Ele precisa que o outro diga: 'Tu vem à meia noite'. E ele vai dizer: 'Mas a meia noite recém ta começando'. 'Pois é, mas eu vou te buscar a meia noite'. Isso não é da ordem da rigidez, isso é da ordem da organização, é da organização (P10).

Nessa perspectiva, trata-se de reconhecer a relevância e a necessidade de um espaço intersubjetivo no qual os papéis, necessariamente assimétricos, estejam bem definidos, e os limites possam ser exercidos no sentido de promover um processo de subjetivação adolescente no qual reconhecer a diferença associe-se com fatores de cuidado e proteção. Concomitante às questões próprias das experiências do campo endogâmico e das novas possibilidades de configurações familiares, outro aspecto abordado pelos participantes é a temática dos limites, considerado como fator ordenador e estruturante do aparelho psíquico. O conceito psicanalítico de castração, à luz de seu sentido organizador do psiquismo, procura dar conta da temática dos limites, da constatação e aceitação da finitude e da incompletude

humana, abrindo , assim o registro da falta e, por conseguinte, dando condições para que surja um espaço para o desejo.

Nesse sentido, Pinheiro (2001) considera que, por meio da possibilidade de desejar, se possa abrir mão da condição ilusória de completude própria da infância. Para a autora, “sair da ilusão da suficiência é entrar no mundo da parcialidade, é ter que conviver, daí para frente, com a dimensão solitária da vida, com o não partilhável das relações de objeto que algumas vezes possibilitam encontros e, outras, desencontros (p.74)”. A partir da citação da autora, pode-se enfatizar o aspecto de aceitação da castração como sendo, também, uma das tarefas psíquicas próprias da adolescência. A partir dessa aceitação, dá-se o ingresso do sujeito no mundo adulto, no qual a dimensão solitária da vida não quer mais, necessariamente, fazer alusão a uma situação a ser evitada, mas, ao contrário, passa a ser por meio dela que o sujeito poderá se abrir aos diversos investimentos do campo exogâmico. Ocorre que, na atualidade, segundo Rocha e Garcia (2008), a adolescência ocupa na sociedade um lugar de ideal cultural. No processo de reorganização narcísica, o desafio reside na manutenção de papéis que, em um contexto idealizado, impede que se cumpra a castração, na medida em que estes adultos acenam aos adolescentes com uma promessa de prazer sem limites: “ao esperarmos que a adolescência, enquanto ideal cultural, cumpra a promessa de burlar a castração, colocamos para o adolescente um impasse a mais nesse momento crucial do processo de subjetivação” (Rocha & Garcia, 2008, p. 630).

Há simplesmente uma necessidade de cumprir um ritual que é imposto por uma cultura. E isso é muito perverso, porque a adolescência já é um período de transição, daquilo que você não é para aquilo que você pode advir. E é um período muito delicado, onde os seus potenciais, as suas características estão despontando, precisam ter espaço para aparecer para que você possa compor a sua singularidade humana (P2).

Constata-se que as situações do contexto social terão, também, influência na construção da identidade do adolescente. Estas influências, quando remetem a demandas intensas que impossibilitam um trabalho de metabolização ou de atribuição de significado, extrapolam sua possibilidade de contribuir para um processo saudável de subjetivação, constituindo-se em experiências de excesso.

Lerner (2007) afirma que essas interferências têm relação com o conceito de trauma, na medida em que impedem que o indivíduo “seja”, que consiga conquistar o “eu sou”. Pode-se afirmar que esta dinâmica ocorre devido à existência de um cenário de instabilidade e com falhas no suporte parental, no qual as exigências sociais podem vir a incrementar dificuldades típicas da adolescência, repercutindo como excesso aquilo que o psiquismo não possui

recursos para “metabolizar”. Considera-se excesso a incapacidade de o psiquismo “construir um escudo protetor a partir do complexo representacional que servirá como um recurso importante para o sujeito processar os estímulos externos” (Macedo & Werlang, 2007). Segundo as autoras, lançar mão desse recurso dependerá da forma como se deu o registro de experiências singulares na vida de cada pessoa e da presença de seus objetos primários. Sobre esse aspecto, Hornstein (2008) afirma que, quando há exposição a quantidades não processáveis de trauma, os efeitos são destrutivos, salvo quando, por meio de elaborações (individuais e coletivas), tais quantidades possam ser simbolizadas. Assim, Lerner (2007) destaca que o adolescente precisa experimentar um ‘solo firme’ durante o seu processo de desenvolvimento para experimentar e construir seus projetos.

Winnicott (1975) já destacava, em seu texto *Conceitos contemporâneos do desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior*, que a imaturidade é um aspecto importante da adolescência. Segundo o autor, a sociedade precisa ser “abalada” por aqueles que ainda não são responsáveis, sob pena de tornarem os adolescentes prematuramente adultos e responsáveis. Assim,

a responsabilidade tem de ser assumida pelas figuras parentais, e, complementa o autor afirmando, que “o conselho à sociedade poderia ser: por amor aos adolescentes, e à sua imaturidade, não lhes permitam crescer e atingir uma falsa maturidade, transmitindo-lhes uma responsabilidade que ainda não é deles, mesmo que possam lutar por ela (p.198).

Sabe-se, contudo, que aquilo que foi experienciado no cenário familiar com matizes de ausência ou de excessos se reproduzirá nas relações escolares. Trata-se dos efeitos da passagem daquilo que é da ordem do espaço endogâmico para o campo exogâmico. Nesse sentido, a escola é, de fato, o palco do adolescente, no qual ele expressa suas vivências típicas ou seu sofrimento. Segundo Zimerman (2003), a escola se constitui num espaço no qual a existência de problemas é inevitável, o que por si só não se tornaria algo preocupante. O autor considera que “problema, mesmo, consiste na inexistência da criação de apropriados espaços na escola, onde as distintas problemáticas possam ser ventiladas e debatidas” (p.17).

A escola servindo muito de ponte pra ajudar os pais a verem e reforçarem a necessidade. Às vezes os pais sentindo, porque aí tem a questão da aprovação ou da reprovação. E conforme, aí por outubro, novembro começa a ter muita procura, porque tem o risco da reprovação. Isso chama pais pra escola, o medo da reprovação. E aí eles começam a escutar que não é isso, que atrás da reprovação tem outras coisas. E a escola detecta. E, na minha opinião, tem detectado muito bem (P1).

Desta forma, constata-se ser o espaço da escola também fundamental nas experiências do adolescente com limites, frustrações, competições, exclusões, etc. A escola oferece ao jovem um mundo de investimentos psíquicos que o confrontam com outras exigências e, por ser um “espaço” ampliado, que extrapola os limites da esfera do núcleo familiar, há mais olhares e, conseqüentemente, uma maior probabilidade de que sejam detectadas e percebidas dificuldades tanto intrapsíquicas como no campo intersubjetivo.

O desafio dos profissionais educadores é saber lidar com o que irá emergir, além da preocupação com a organização acerca da transmissão do conhecimento. Não seria possível à escola manter-se excluída das problemáticas típicas desta idade da vida. O que se reafirma é a relevância de que nela não se ausente a capacidade de atenção àquilo que se mascara nos ditos comportamentos desafiadores, transgressivos, delinquentes (Zimmermann, 2007) ou seja, é relevante que a escola não perca de vista sua influência no processo de ressignificação da identidade adolescente. Cabe à escola demarcar diferenças entre sua função formativa e a apropriação do exercício de funções parentais. Como descrito nas verbalizações a seguir, percebe-se que a escola, portanto, tem se consolidado como um importante espaço “denunciador”:

Muitas vezes os familiares também são conduzidos à busca por uma demanda da escola, de um cursinho pré-vestibular, mas ainda outra instituição externa à família detecta alguma coisa no comportamento do adolescente e pede uma avaliação psicológica. Então muitas vezes, a demanda está relacionada a uma produção cognitiva, uma produção escolar. Uma baixa produção, ou uma dificuldade de relacionamento (P2).

As experiências de amparo e desamparo frente ao processo da adolescência têm, nas relações familiares e na escola, os campos primordiais de experiência intersubjetiva. Constata-se que as falhas oriundas dos (des)investimentos parentais, os movimentos de ruptura e de novas configurações familiares, produzem efeitos no psiquismo. É na transição do espaço endogâmico para o exogâmico, segundo a experiência clínica dos psicanalistas entrevistados, que são mais comumente identificados os padecimentos psíquicos que conduzem o adolescente para um tratamento. O espaço exogâmico carrega em si exigências para o seu enfrentamento nas quais o adolescente precisa lançar mão de recursos psíquicos. No campo desta temática, estrutura-se a segunda categoria final: ***Necessidade de recursos psíquicos: exigências para o enfrentamento do processo de ressignificação do si mesmo.***

O desenvolvimento humano é marcado pela existência de conflitos com os quais o sujeito se depara e é exigido no sentido da disponibilidade de recursos internos a fim de processar e elaborar intrapsiquicamente as demandas da realidade. Nesse sentido, a

capacidade psíquica, desde o início do desenvolvimento, de dar conta da dor psíquica e viabilizar formas de expressão que não conduza o sujeito à patologia, está atrelada a economia desses recursos psíquicos.

Sabe-se que o impacto gerado pela transição da infância para a adolescência e suas decorrentes demandas emocionais e físicas podem se constituir naturalmente em uma fonte importante de angústia. Com o objetivo de marcar a adolescência como um processo típico e não necessariamente patológico, Blos (1998) sugere que, neste período de maior conflito, também pode se fazer presente, como benefício, um grande potencial de crescimento. Assim, a crise da adolescência é entendida como mais uma crise do ciclo vital e, ainda que permeada por movimentos de dúvidas e dificuldades, não implica, necessariamente, algo ruim ou negativo. Essa crise impulsiona e promove o autoconhecimento e o crescimento, produzindo transformação (Macedo, Azevedo & Castan, 2004). Nesse sentido, Blos (1998) propõe que os processos regressivos da adolescência permitem reorganizar desenvolvimentos com falhas ou incompletos, ocorridos em fases anteriores, uma vez que neste período as novas identificações estabelecidas têm um papel importante. Trata-se de um período, portanto, crucial de reorganização identificatória, uma vez que novos significados desencadeiam movimentos em sua trama, que determinam mudanças na subjetividade (Palazzini, 2007).

Todas estas mudanças na subjetividade também têm repercussões nos investimentos do adolescente. Percebe-se que o sentimento de ambivalência está intensamente presente em todo o processo da adolescência, tanto para a menina quanto para o menino, especialmente no que se refere às relações que estabelecem com as pessoas. O grupo de amigos, por exemplo, torna-se uma grande fonte de identificação, por meio do qual “as atividades cotidianas compartilhadas podem revelar uma tentativa conjunta de elaborar impasses relativos ao laço social contemporâneo” (Cairolí & Gauer, 2009, p. 210). Os ideais políticos e sociais, historicamente uma das forças motrizes do mundo adolescente, são cada vez mais confrontados com realidades nas quais o egoísmo e a falta de solidariedade imperam (Lerner, 2007). O que se tem visto na contemporaneidade é que, por vezes, no contexto *privado* (familiar, escolar) o adolescente se depara com um discurso, uma ideologia partilhada de valores éticos e morais, os quais não refletem a realidade do espaço *público*. Tais questões demonstram uma realidade política e social opostas, podendo adquirir efeitos traumáticos quando se pensa pela via do desamparo a que é exposto o adolescente.

A queixa que vem dos adolescentes quando eles começam a falar gira muito em torno das questões afetivas e dos relacionamentos, das iniciações sexuais. É uma questão que me chama a atenção nos últimos cinco anos pelo menos, esse enfoque nas pessoas jovens, adolescentes que chegam angustiadas com essas primeiras experiências (P6).

Sabe-se que a sexualidade não inicia na adolescência, mas é neste período que o desenvolvimento psicosssexual inaugura um novo tempo, no qual o autoerotismo infantil evolui gradualmente para a etapa da genitalidade, culminando com o desejo sexual a partir do encontro com o outro. Em face disso, Blos (1998) afirma que é no período em que ele denomina de *adolescência propriamente dita* que os sentimentos de apaixonamento também se intensificam. Tais repercussões acerca dos investimentos do adolescente refletem-se, por vezes, na clínica.

Aparece nas coisas externas, que é dos relacionamentos, da profissão, enfim... Mas tem uma questão lá com ele, que é: "O que será que eu quero? Será que eu vou dar certo?" Eu acho que é muito por aí. A questão sexual, de identidade sexual (P3).

Questões ligadas à sexualidade, questões... Cada vez mais eu tenho visto meninos com dificuldades sexuais, coisas que eu não ouvia no passado (P9).

Constata-se que, na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que há o ideal amoroso romântico, surgem novos tipos de relacionamento. O "ficar", por exemplo, da mesma forma que se institui como nova forma de sociabilidade, provoca rupturas entre o ideal e a realidade, podendo reforçar uma determinada forma de lidar com os sentimentos, caracterizada pela busca de prazer imediato e a falta de compromisso com o outro (Chaves, 2001). Nessa perspectiva, o entrevistado P7 ressalta:

O adolescente, frente a sua dificuldade com sua iniciação sexual, acaba encontrando essa oferta da cultura pra fazer a sua iniciação, como algo banal, vamos dizer assim, como algo aonde o significado dessa situação toda, ele é destruído e é apresentado como uma variante vamos dizer assim, natural da sexualidade (P7).

Nessa mesma direção, um aspecto evidenciado sistematicamente nas entrevistas refere demandas advindas do contexto contemporâneo com as quais o adolescente se depara no processo de construção de sua identidade, e que se referem ao uso que a sociedade faz de um "poder" que se presentifica por meio das demandas associadas às possibilidades de reconhecimento social e cultural. Os impactos dessas exigências na adolescência têm sido motivo de constante reflexão na clínica. Conforme destacaram alguns dos entrevistados deste estudo, a cultura, enquanto "excesso", pode incrementar, ou mesmo desencadear o padecimento psíquico adolescente:

Tudo está na ordem do excesso. Então é o excesso da internet, é o excesso dos jogos e tudo num modelo da sexualidade da masturbação. Entende? Então a excitação, o prazer, o gozo ta no jogo, ta na internet. Então está falhando, está falhando o prazer de encontrar com o outro (P10).

Muitas vezes esse contexto contemporâneo, como que abafando, coadjuvando intensamente pra abafar a subjetividade, a construção da subjetividade (...) Tempos em que os adolescentes estão numa caixa de ressonância muito sensível pra tudo isso, que é a negação de qualquer sofrimento psíquico. No nosso contemporâneo, sofrer de algum tipo de depressão, de ansiedade, é proibido (P4).

A cultura e a forma de organização da sociedade contemporânea têm sido bastante discutidas à luz de seus benefícios e prejuízos. Silva (2007) considera que a sociedade referida por Debord (1997) como uma *sociedade do espetáculo*, marcada pela contemplação do outro idealizado e a consequente delegação daquilo que se julgava inatingível, não existe mais. Segundo o autor, estamos em tempos de *hiperespetáculo*, experimentando “uma contemplação de si mesmo em um outro, em princípio, plenamente alcançável” (p.31). Para Silva (2007), trata-se de uma cultura do imediatismo ao alcance de todos, na qual se tem, na imagem, seu principal produto. O autor destaca ainda que o *hiperespetáculo* “não é um conjunto de imagens, mas uma imagem única, sob a aparência de diversidade, que não permite reflexão” (p.33). Este aspecto também fica claro a partir da fala do entrevistado:

Tudo do nosso contexto sociocultural que propõe uma alienação da subjetividade em favor de um modelo único é produtor do sofrimento psíquico (P2).

Acrescenta o participante que, na adolescência, tal situação adquire contornos mais dramáticos:

Ainda nem se conhece a própria subjetividade, o corpo, o corpo ainda nem se formou, e ele já tem que ser transformado naquilo que ele ainda não é. Numa tentativa ilusória de atingir uma identidade para ser aceito por essa sociedade (P2).

A cultura do narcisismo onde parece que tudo vai ser resolvido na medida da superfície e não por medida de profundidade, mudanças na aparência né, a ilusão de que as soluções rápidas e imediatas pra tudo, né. Eu acho que esse conjunto de fatores da nossa cultura, eu acho que empobrece significativamente a capacidade simbólica (P7).

Nesse contexto, o adolescente além de características inerentes ao sofrimento típico desta etapa, tem vivenciado experiências que nem sempre contribuem positivamente para seu processo de subjetivação. Retomando a questão da economia dos recursos psíquicos e do padecimento adolescente, Lerner (2007) propõe uma reflexão sobre o que diferencia ser um adolescente que “naufrega” de outro que “segue navegando”. Cabe, portanto, um questionamento a respeito de aspectos que contribuem para que um aparente sofrimento típico do processo adolescente se desvele como patologia. Segundo o autor, a história da construção subjetiva do adolescente que avança sem maiores dificuldades neste processo permite constatar o acesso a recursos de plasticidade do ego, fazendo com que ele possa recorrer a

diferentes modalidades de “navegação” para atravessar tormentas sem naufragar. Portanto, não se trata de desconsiderar a existência de conflitiva da adolescência, mas sim de constatar que, diante da fragilidade de recursos psíquicos, pode o adolescente ‘submergir’ em padecimentos, tais, como a depressão e as patologias do ato. É inegável a influência do processo de narcisização de um indivíduo quando na adolescência lhe é exigido um processo de resgate do valor da história de suas identificações, assim como da qualidade experienciada a partir dos investimentos parentais. Nesse sentido, o que foi vivido no contexto familiar adquire uma repercussão no campo social, o qual se amplia consideravelmente na vigência da adolescência. O processo de construção da subjetividade depara-se agora com novas demandas.

As características da contemporaneidade definem o cenário no qual o adolescente segue seu processo de ressignificação de sua identidade. Por um lado, trata-se de destacar o valor de inserção em um contexto que lhe oferece novas possibilidades identificatórias. Percebe-se, porém, que diante das ofertas da sociedade contemporânea, há um hiato entre o que o sujeito é, e o que ele deseja ser. Não se trata de negar a influência desse contexto, mas de reconhecer o fato de que nele os adolescentes estão implicados e, nele, encontrarão ou não recursos de qualidade para o enfrentamento de suas conflitivas. Fortes (2008) assinala o quanto não se pode desconsiderar o vazio subjetivo que se presentifica na atualidade como um efeito de próprio excesso, ou seja, frente às modalidades ofertadas pela sociedade contemporânea, os efeitos na produção de subjetividade denunciam o alto custo de uma existência regida pela performance. Na fala dos participantes, encontram-se evidências do contraste entre a vida agitada dos adolescentes, da ausência de limites no domínio das tecnologias e uma escassa capacidade de investimento e conhecimento sobre si mesmo:

É mais uma coisa assim de pessoas meio desinteressadas pela vida né. Apáticas, inteligentes né, com capacidades, às vezes até com bom rendimento escolar, mas um escasso investimento na vida. Retraídos, mais isolados. Uma vida social relativamente pobre (P9).

O que eu tenho mais visto é a questão de uma apatia na adolescência. Aqueles pais que chegam dizendo que falta ânimo, falta vida. Pulsão de vida, no sentido de ter... São adolescentes que chegam e não sabem bem por que estão chegando, não sabem bem o que querem, os estudos estão se arrastando, as relações sexuais ainda não iniciaram (P1).

O que nós vemos hoje em dia de forma geral, mas de uma maneira bastante acentuada nos adolescentes, é um empobrecimento da capacidade discursiva (P2).

Ao abordar a temática da apatia, considerando-a como uma manifestação frequente da adolescência contemporânea, Aryan (2006) demarca que o adolescente não tem demonstrado desconforto quando não é confrontado, tampouco se responsabiliza quando não é convocado. Parece, assim, não ter idéias além daquilo que percebe como imprescindível, denunciando sua passividade.

Ele nem sabe dizer o que é o problema. E aí, tu tens que fazer um trabalho, para primeiro ele saber... É um trabalho prévio, que eu digo... Para mim é analítico, mas é como se tu tivesse que criar bases de estrutura psíquica, para depois um dia essa pessoa, esse adolescente, vir a saber o que incomoda (P1).

A fala da entrevistada aborda os desafios presentes no trabalho analítico com o adolescente contemporâneo. Frente ao empobrecimento do si mesmo e à escassez de recursos para dar conta daquilo que requer seu envolvimento afetivo, faz-se presente o desânimo. Retomando a questão crucial da qualidade dos investimentos parentais para a constituição do eu, Hornstein (2008) destaca que “o investimento narcísico do outro, relativamente silencioso na neurose, é bem audível nas depressões” (p.47). Pode-se pensar que a apatia denunciada pelo adolescente conta de um tempo anterior no qual ocupou um lugar de objeto receptor de precários investimentos por parte de seus cuidadores.

Isso [a apatia] me faz pensar que essa criança teve um desinvestimento na sua infância... por uma série de motivos: depressão da mãe, essa demanda de cada vez mais trabalho; pouco dinheiro, as pessoas cada vez mais envolvidas com muitas coisas, e às vezes consigo mesmas (...) também difícil para os pais, viver a adolescência dos filhos, porque revive a sua, situações que ficaram pendentes na sua vida ficam à mostra na adolescência dos filhos. Então, tudo isso tá fazendo com que os pais se retirem um pouco de cena e, óbvio, que a criança, o adolescente chega com esse desinvestimento, pra poder lidar com toda essa demanda e essa exigência “(P1).

Que esse sujeito possa estar desorganizado, que possa estar atrapalhado, que não sabe onde é que vai pôr as pernas, a sexualidade, os braços e não sei mais o quê, não teria importância se ele encontrasse no outro, no semelhante, um vetor de apaziguamento pra isso, mas um apaziguamento que não seja traumático, ou seja, que não é: ‘Isso que está se passando contigo se passa com todo mundo’, não, isso é enlouquecedor. Então, que pudesse encontrar num semelhante exatamente alguma coisa que dê conta da singularidade dele (P10).

Desde o nascimento, o bebê, vulnerável e dependente, necessita do outro para se desenvolver. O sujeito, portanto, constitui-se na relação com o outro. Assim, na adolescência, as questões da alteridade se enlaçam com tais problemáticas e são, claramente, observadas a partir da experiência dos psicanalistas participantes deste estudo. O papel do outro na saúde

psíquica é, portanto, crucial ao longo do desenvolvimento e do processo de subjetivação. Aryan (2006) reforça a idéia de que é necessário que existam modelos claros para o adolescente. Segundo o autor, face às mudanças na dinâmica familiar, aliadas às questões sociais contemporâneas, aumenta a necessidade e a desconfiança em relação ao ambiente. Isso pode facilitar a confusão nos papéis. Nesta perspectiva, a entrevistada P10 complementa:

O déficit de atenção é a atenção afetiva, esse sujeito não consegue prestar atenção, esse adolescente de hoje, eu acho que não consegue reconhecer o lugar que o outro ocupa. Ele não sabe qual é o lugar dele. Então ele não reconhece ninguém, ele acha que ele pode fazer tudo (P10).

Acho que a queixa começa por essa falta de limite e, na verdade, eles tão pedindo algum limite, que alguém olhe, que alguém... não é só uma questão financeira, geralmente eles têm tudo. Eu acho que é isso, é um vazio muito grande (P5)

A necessidade de o adolescente construir sua subjetividade por meio de um espaço mediado por um outro estável no qual ele possa acreditar é destacada por Aryan (2006) ao afirmar que “poder acreditar é uma consideração imprescindível para conceber metas alcançáveis, encontrar objetos sexuais exogâmicos válidos e efetuar as sublimações necessárias” (p. 231). A subjetividade do adolescente estará, inegavelmente, marcada pelo efeito do vivido em etapas anteriores de sua vida.

Outro aspecto da contemporaneidade que se faz presente, ao abordar a temática da adolescência, diz respeito aos recursos virtuais cada vez mais presentes e imprescindíveis na vida cotidiana. A virtualidade torna-se, cada vez de modo mais imperativo, outro campo exogâmico para o processo de construção da subjetividade. São irrestritas as possibilidades oferecidas pela rede mundial de computadores, dos sites de relacionamentos aos programas de mensagens instantâneas, todos maciçamente utilizados pela sociedade, mas, em especial, pelos adolescentes. Como não poderia deixar de ser, esta é, também, uma temática na clínica com adolescentes.

Isto criou uma transformação tanto em nível de comunicação, porque quinze anos atrás, vinte anos atrás se ouvia muito os pais dizerem “fulano não desgruda do telefone”. Isso não existe mais, ninguém mais estar grudado no telefone; estão grudado na rede, estão grudado no MSN, estão grudado no youtube, no orkut e por aí vai (P9).

O computador, a internet, o google, o que eles têm acesso, isso é importante dizer também, ao mesmo tempo, que este adolescente está apático, ele tem uma gama de informações, de estímulos, muito grande. Com acesso a tudo e a todos, a qualquer parte do mundo, qualquer tipo de informação. E eles são muito hábeis em descobrir ... ah, não pode entrar em determinados sites, eles descobrem uma maneira e dão uma curva na gente. Enquanto a gente está tentando ver como é que funciona, eles já

sabem, eles têm muita habilidade com isso. É uma geração que tem essa facilidade (P1).

Eu acho que o que marca a adolescência, a partir dos últimos 15 ou 20 anos, é a explosão da comunicação em tempo real. É a explosão da internet. Que inaugurou pra eles uma modalidade de tempo e espaço e de possibilidade de relação, que até então, antes disso, era desconhecido (P2).

Os blogs, por exemplo, espécie de diário online, podem ser pensados, segundo Cairoli e Gauer (2009), como uma escrita autobiográfica na qual o adolescente pode se reconstruir a partir de questões subjetivas que provocaram angústia e lhe demandaram a escrita. Por outro lado, diante de todas as exigências inerentes ao processo de ressignificação do si mesmo, toda esta oferta virtual e a modalidade de adesão a ela pode denotar também uma forma de expressão de padecimento psíquico, quando esta passa a ser a única ou predominante forma de vínculo que o adolescente mantém com o outro.

Porque o adolescente vive em um tempo onde não há espera, é imediato. Hoje em dia, a gente vê um adolescente aborrecido porque depois de ele ter dado um comando, famoso 'duplo click' no mouse, ele tem que esperar alguns segundos pra que alguma coisa carregue. Para que a outra pessoa, do outro lado, do MSN, responda (P2).

Claro, ele tem seu grupo de iguais, eles conversam, mas ele está com uma retração da libido, está voltado, então, a internet, né, as relações pela internet, os seus contatos...(...) Esses vínculos que acabam ficando empobrecidos, porque é virtual. Na hora do encontro realmente, as coisas ficam difíceis (P1).

Acho que a internet também tem tido um papel de fomentar as fantasias sexuais, incrementar as fantasias sexuais e isso deixar eles mais angustiados, e ansiosos sem saber o que fazer com o que eles veem e conversam através da internet (P6).

A Internet será o cenário contemporâneo no qual as dúvidas, as inquietações, os conflitos, as incertezas sobre a sexualidade marcarão presença sob diversas formas.

Casos ligados ao adolescente se dar conta que tem possivelmente uma escolha sexual homossexual. Então esses casos algumas coisas vêm pelo adolescente, com uma demanda desviada, uma demanda mascarada como 'tem dificuldade para se relacionar'. E à medida que as entrevistas de avaliação vão prosseguindo, aparece essa questão, é uma dificuldade para se relacionar com o sexo oposto e o desejo de se relacionar mais intensamente com as pessoas do mesmo sexo (P2).

O tema da homossexualidade bem como o da bissexualidade na adolescência adentra o espaço devido a seus enlaces com a cultura do imediato. Este prazer imediato oferecido pela cultura e pela mídia denota um prazer adicto, que não passa pela mediação do outro, produzindo apenas uma descarga instantânea (Maia, 2004). As falas dos entrevistados P5, P6 e P7 evidenciam este aspecto:

Acho que até esse experimento sobre a sexualidade é outra coisa que eu me... tenho me questionado bastante. Que as meninas, hoje em dia, têm uma curiosidade de beijar outras meninas; os meninos também, aí, até que ponto isso tem uma curiosidade, até que ponto é uma atuação, até que ponto, o que é? (P5)

Tem chegado, com maior frequência, adolescentes com experiências homossexuais. Que eu não considero que são estruturas homossexuais, talvez experiências homossexuais, por momentos de busca de alguma coisa que está faltando, talvez na relação com a mãe ou com o pai ou na família, e que eles tentem buscar num apoio da pessoa do mesmo sexo, mas não que essa pessoa tenha uma escolha, uma eleição de objeto homossexual (P6).

Acho que esse é um fator da nossa cultura, acho que em outros momentos culturais é essas, esses conflitos sexuais, eles teriam outro, outro tipo de solução. Eles não passariam com tanta facilidade pra ação, não teria essa passagem ao ato com tanta facilidade como, como uma oferta excessiva de uma sexualidade ou pervertida ou distorcida, oferecida como um produto de consumo acessível (P7).

Nesse sentido, a atividade sexual, quando carrega em si uma marca de intensa angústia que não pôde ser metabolizada, pode ser pensada à luz de outras manifestações que envolvem o corpo, também nomeadas como “passagem ao ato” (Savietto & Cardoso, 2006; Coutinho, 2006). Tais manifestações vêm sendo observadas com frequência na clínica e, segundo Savietto e Cardoso (2006), isso se dá como uma resposta à angústia, por não suportar o desprazer, e pela impossibilidade de recusa ao adiamento do prazer imediato.

Mas lá pelas tantas quando começa a aparecer a questão da angústia, começa a aparecer também o uso da maconha, da bebida ou de outras coisas como um... Um fator que ajuda às vezes a chegar nas meninas, ou a se desinibir ou a lidar com aquela frustração... pra poder trabalhar como eles imaginam, imaginam como uma forma de trabalhar essa dificuldade de se relacionar com as meninas, no caso dos meninos né (P6).

O tipo de “recurso” escolhido pelo adolescente para suprimir a sua dor ou para atingir a satisfação dependerá “do contexto, do momento e daquilo que, na experiência individual tenha mostrado maior eficácia” (Mayer, 2001, p.84). Ao abordar a temática do ato, Macedo, Werlang e Dockhorn (2008) destacam que os pacientes, não necessariamente adolescentes, mas que têm no ato sua forma de descarga, contam com uma importante carência na capacidade representacional. Em geral, estes pacientes não chegam com uma queixa de sintomas, mas com uma história de experiências traumáticas, como as tentativas de suicídio e adiões importantes. A respeito das manifestações em ato que mais frequentemente têm interrogado os psicanalistas na clínica dos adolescentes, falam os entrevistados:

E, muitas vezes, por exemplo, o uso de drogas é a única saída de subjetividade, de busca de subjetividade. Claro, que cada caso é um caso, pode funcionar como um antidepressivo ou como uma fuga, mas alguma vez me parece que a gente tem que pensar também no sintoma como uma busca de subjetividade (P4).

Muitas vezes o que a gente vai observar é que realmente o álcool e a droga estão funcionando como, digamos, antidepressivos para vazios ou melancolias muito precoces e claro que obviamente não conseguem suprir e vão cada vez mais adoecendo esse adolescente. Que por vezes chega bastante deprimido, com comorbidades então em cima de uma depressão uma adição e, a partir daí, tem um mau rendimento escolar ou na faculdade (P8).

A saída sempre aparece sendo uma saída no corpo, sentimento, por exemplo, de não existência que vem do processo de subjetivação incompleto ele é previsível de uma necessidade de morte, de morrer. Porque como ele não consegue elaborar o sentimento de não existir, do self não existir, isso passa direto ao corpo. Então já que ele não existe tem que morrer, ou então busca um sentimento de existência através da automutilação, ‘sinto dor logo eu existo, sai sangue, logo eu existo’(P7).

Mayer (2001) sublinha que, diante da falta de ideais e da intolerância à frustração, as vidas desses adolescentes estão “impregnadas de um sentimento de tédio e de uma vivência de futilidade que virão a reclamar um *choque de adrenalina* que lhes dê sentido. Não importa muito se esse *choque* é conseguido roubando, matando ou matando-se com substâncias psicoativas” (p. 98). Assim, fica evidente, também, a partir das verbalizações dos psicanalistas entrevistados, que o uso do recurso da descarga no corpo aparece como uma alternativa do adolescente frente às experiências do processo de subjetivação. Outro aspecto próprio do contexto contemporâneo que pode favorecer ou desencadear padecimentos psíquicos, exigindo uma maior capacidade de recursos dos adolescentes no seu processo, diz respeito aos efeitos da violência.

Tem uma coisa do nosso momento que, assim, de vida, da nossa cultura que eu acho que produz um efeito, também, muito forte que é a insegurança. Essa questão da violência que isso. Tem épocas que eu escuto muitas histórias...(...) E eu acho que isso tem um efeito de produzir pessoas mais assustadas, mais medrosas ou, dependendo da constituição da pessoa, mais arrogante, onipotente (P3).

São os matizes da cultura que dão esse colorido, mas eu não posso dizer que é por causa disso. Existe isso? Sim, existe. Que existe hoje uma preocupação dos pais, uma inquietação em relação à violência? Sem dúvida nenhuma. Isso é da realidade, da nossa cultura. Mas não é isso que marca o padecimento (P10).

Em seu texto sobre as fronteiras entre a adolescência e a violência, Cardoso (2001) destaca o momento propício nesta etapa do ciclo vital, tendo em vista as suas implicações, para que irrompam comportamentos violentos, sejam eles hetero ou autodestrutivos. Todavia,

impõe-se a importância da compreensão da singularidade humana. A reflexão sobre estes fenômenos que produzem efeitos na subjetividade ao longo do enfrentamento do processo adolescente foi claramente destacada pela entrevistada P10:

Esse sujeito que chega na sua adolescência com repetições de desamparo a si próprio. Então, a situação violenta da realidade potencializou quase como a teoria do apoio que Freud diz lá do início, deu apoio, deu carona pra que isso aparecesse. Então, tu trabalha a situação inicial só que se descortina o que está por trás. (...) Mas o que aconteceu, porque senão todos nós teríamos o mesmo efeito diante de uma situação de violência, e por que não? E não é assim: uns reagem melhor do que os outros. Não! Diferente (P10).

A partir das exigências oriundas do cenário contemporâneo, é possível pensar na sobreposição de demandas às quais está submetido o adolescente. Trata-se, portanto, de refletir sobre os efeitos que terá esta sobreposição na escuta clínica. O cenário da clínica psicanalítica é habitado por padecimentos complexos e singulares, os quais desafiam constantemente o analista no exercício de sua escuta. Nesse sentido, é fundamental propor a terceira categoria final, que recebeu o nome de ***Desafios e inquietações no campo analítico: especificidades teóricas e técnicas a partir da escuta de adolescentes.***

Ainda que os motivos de busca de um tratamento possam variar, sabe-se que normalmente o que impulsiona a busca por ajuda refere-se a um sofrimento que o sujeito experencia como não podendo dar conta por si mesmo. Trata-se de reconhecer um limite frente aos recursos de enfrentamento com uma situação conflitiva e produtora de dor psíquica, abrindo espaço para que outro possa auxiliá-lo. Nesse modelo de pensar o que leva um sujeito ao espaço clínico destaca-se o papel da dor psíquica como propulsora do encontro com outro, desconhecido, mas a quem se atribui uma capacidade de ajuda. O campo analítico é, por excelência, o campo do encontro entre alguém que demanda ajuda e outro que se propõe a escutá-lo.

E eu acho que a psicanálise como ciência e como técnica é a grande promessa para o alívio do sofrimento psíquico do homem contemporâneo (P2).

Eu coloquei o acento no aspecto social, familiar, contemporâneo, mas me parece que continua muito válida aquela máxima de que tem que escutar cada adolescente que vem, e de onde é que vem o seu sofrimento (P4).

Cada um se manifesta de um jeito, negando o sofrimento ou desmentindo ou se atrapalhando ou se confundindo, seja o que for. Então, com isso, eu acho que se amplia o alcance da análise, se amplia o alcance do método psicanalítico (P10).

A vivência de ser escutado como sujeito na singularidade de seu padecimento possibilita uma atribuição única de sentido às suas dores. Macedo e Falcão (2005) assinalam que os pressupostos teóricos que sustentam a técnica psicanalítica conferem ao analista o trabalho de *tornar consciente o inconsciente* daquele que busca ajuda. Assim, o analista tem a função de *decifrar* o sofrimento do paciente por meio de seus recursos técnicos, sendo capaz de traduzir e revelar ao sujeito os seus desejos, atribuindo-lhe um sentido até então desconhecido (Macedo & Falcão, 2005). Segundo as autoras, a condução do processo analítico

deve possibilitar a descoberta, por parte do paciente, de que ele é quem sabe de si: um saber que é patrimônio de um território desconhecido de si mesmo. Para alcançá-lo, além de ser escutado, o paciente deverá escutar-se. É somente ao assumir a posição de quem não sabe a respeito de quem chega com uma demanda de ajuda que o analista poderá efetivamente exercitar a escuta analítica (p.69).

Assim, no desafio da compreensão das demandas da clínica do adolescente, os participantes deste estudo destacaram, a partir de suas interrogações acerca do sintoma, a complexidade que se faz presente nas configurações de sofrimento na contemporaneidade. Fiel aos ensinamentos da Psicanálise, tal constatação segue inviabilizando uma leitura linear do padecimento psíquico bem como aponta para a constante necessidade de interrogações e ampliação dos recursos que habitam o setting analítico.

Há uma necessidade de reformulação desse setting, no sentido de que por vezes nós estamos tendo que falar com professores, temos que falar com a família, nós temos que falar com amigos (P8).

É impossível tu trabalhar com o adolescente dentro de um standard, de uma postura que tu tem com o adulto, por exemplo, tu estás sentada com um paciente adulto, provavelmente vai passar a sessão toda sentada e conversando, com um paciente adolescente a coisa não funciona assim. Daqui a pouco ele está mexendo no computador, eu estou em pé, eu circulo, eu vou buscar um café pra mim, ele me pede uma coca cola e eu trago uma coca cola. Essa plasticidade é inerente ao trabalho com adolescente (P9).

Trabalhar com essa faixa etária é um desafio muito grande. Eu acho que é a faixa etária mais estimulante e viva dentro do consultório. É onde mais acontecem coisas, é onde mais aparece o inesperado (P1).

Um aspecto evidenciado pelos psicanalistas refere-se aos benefícios do tratamento analítico com adolescentes. Sobre este aspecto, a participante destaca:

É um tratamento às vezes um pouco mais curto, mais dinâmico assim. Mas com certeza eles se beneficiam bastante e redimensiona a vida deles num espaço de tempo às vezes até mais curto do que de um adulto. É um momento importante da vida pra poder se pensar e evitar até muito sofrimento futuro (P6).

Nesse sentido, Kupermann (2007) corrobora com a idéia de que a clínica com adolescentes impõe ao analista constantes desafios. No que diz respeito ao início do processo analítico, o autor refere o desafio de avaliar se o sofrimento do jovem é passível de tratamento, ou se é uma demanda dos pais ou da sociedade por dificuldade de acolher as transformações da adolescência. O manejo com a resistência negativa (hostilidade e resistência) também é referido por Kupermann (2007) como um aspecto a ser considerado frente ao término do processo. O estabelecimento do vínculo como base para o atendimento do adolescente é condição fundamental referida pelo autor. Por outro lado, é necessário refletir sobre os efeitos do contexto contemporâneo em um *setting* que já carrega em si particularidades:

Como é que nós vamos encarar, por exemplo, uma frustração de uma demanda num setting analítico? Uma não gratificação? Isso eu acredito que seja uma característica da nossa contemporaneidade e no tempo presente, que advém da evolução dos meios de comunicação e sobretudo da comunicação em rede e virtual, em tempo real. Esse é um desafio grande, que nós temos (P2).

O principal requisito técnico pra trabalhar com adolescente é ter presente a própria adolescência, não esquecer a própria adolescência, isso é fundamental porque senão o teu olhar acaba sendo um olhar muito atravessado só por uma outra coisa que evidentemente que tu é, que é ser um adulto. Porque eu tenho noção das diferenças deles comigo, e que a minha fala, que o meu discurso vai chegar neles como a fala de um adulto. Eu não falo com eles da maneira como um amigo fala, como um colega fala. Eles têm uma forma própria de se expressar que não é a minha, mas ao mesmo tempo tenho que ter sempre presente questões da minha própria adolescência (P9).

Para Levisky (1995), da mesma forma que foram criadas técnicas para a análise de crianças, adaptações oriundas de elementos do tratamento infantil e adulto, foram sendo desenvolvidas para atender o adolescente. Em consonância com a fala do entrevistado P9, o autor assevera ser esperado do analista de adolescentes que ele, além de gostar e ter interesse pelas questões relativas a esta fase do ciclo vital, seja capaz de empreender, em sua personalidade, condições de flexibilidade e adaptação para fazer frente às condições psíquicas da adolescência. No mesmo sentido e, ainda, destacando a importância do lugar ocupado pelo analista no espaço de escuta, a entrevistada P1 refere:

Acreditar que tu não vai ocupar o lugar de educador ou de pai ou de superego e também não vai ficar na farrá de um grupo de iguais e também não vai tratar como criança. É um lugar muito delicado esse. Então eu tenho, tecnicamente, eu aprendi com eles, talvez mais do que nos livros, de experiência, estabelecer uma relação de confiança é a minha meta no início (P1).

Embora tenha uma questão que os pais pagam o tratamento deles, tem um atravessamento na técnica que é os pais que pagam. Só que os pais tã de fora e não estão de fora. Então como tu vai amarrar o tratamento com o paciente sem incluir os pais dentro do modelo psicanalítico e ao mesmo tempo sem desconsiderar os pais, são eles que pagam (P6).

Nessa perspectiva, o *setting* analítico deverá reproduzir a dinâmica presente no processo adolescente, sem perder, no entanto, sua condição de constância e estabilidade, respeitando critérios adequados quanto ao sigilo e à privacidade, sem negligenciar a sua dependência da família, especialmente em condições de riscos (Lewkowicz & Brodacz, 2005). A atenção ao estabelecimento de um espaço analítico continente deve estar presente, portanto, desde o primeiro contato, seja com o adolescente ou com a família.

O objetivo da análise com adolescentes consiste na possibilidade de autorizá-los, em seus atos e até mesmo nos seus sintomas. Em resposta a um agir sintomático, é fundamental que o analista possa intervir também pela via da atitude continente, numa dimensão ética a qual, além da clássica interpretação e intervenções discursivas, envolve um trabalho com os elementos do *setting* relacionados especialmente às combinações do contrato (Coutinho, 2006). Assim, há que se considerar que, na adolescência, período no qual os modelos identificatórios são especialmente importantes, o papel do analista adquire relevância durante todo o processo:

Esse é um ponto delicado, porque com adolescente, ele está muito dentro de uma cultura, de imediatismo, de tudo consegue rápido. Bom, nem preciso falar disso, porque é muito forte. Então, entrar numa combinação de frequência, que tende, assim, a ser um processo diferente do que ele está acostumado. Isso não é muito fácil; isso dá trabalho (P3).

Quando eu comecei a receber adolescentes ou pessoas mais jovens, a outra questão que ficava pra mim era: divã ou não divã? Frequência, que frequência? E por uma resistência minha, uma dificuldade minha de pensar um adolescente num divã. E o que eu posso te dizer é que foram experiências até agora muito boas, de pacientes jovens, adolescentes, com divã... Com resultados muito produtivos pra vida dessas pessoas que estiveram comigo. Claro que nem todos que vieram ficaram, mas os que vieram e ficaram se beneficiaram bastante da análise. Então eu acho que é bem pertinente poder questionar a análise com adolescentes” (P6).

Percebe-se que, ao levar em conta as características da adolescência, o uso do divã pode ocorrer ou não no tratamento de adolescentes. Tal temática desperta importantes

questionamentos e reflexões quanto à técnica psicanalítica. Os impasses sobre o uso ou não do divã fazem com que, desde a perspectiva do analista, seja necessário identificar o momento e a viabilidade do uso deste recurso, considerando sempre a singularidade do paciente adolescente. Considerando-se as questões da contemporaneidade abordadas no que diz respeito à adolescência, chega-se às transformações nos recursos técnicos, as quais, segundo os psicanalistas entrevistados, contribuem para as transformações no espaço clínico.

Isso [o computador] é hoje em dia quase um instrumento indispensável no meu consultório em função dos adolescentes. Porque é muito, muito comum que eles me tragam fitas, cds ou que queiram me mostrar alguma coisa na rede e... Isso se torna uma coisa fantástica pra ele, pra facilitar, como era no passado um material gráfico pra fazer um desenho, pra pintar alguma coisa... O computador virou um objeto quase imprescindível para mim (P9).

Nessa direção, Aryan (2006) propõe que, diante das influências externas, os analistas devem reconsiderar novos instrumentos de intervenção, tornando “acessível o trabalho de representação e figurabilidade, a fim de que possam começar a pensar e desejar escrever sua história junto ao analista. Posteriormente, terão de seguir sozinhos até o fim de seus dias” (p.232).

Eu já tive adolescente que veio pra cá com violão, porque canta. E aí na música ele consegue escrever o que ele pensa. E eu acho que a gente tem que ter essa abertura pra quem quer pensar que a análise não é uma coisa “trancadinha” pra adolescente, tem que ter uma capacidade de tolerar o que tu não sabe o que vai acontecer na outra sessão. E isso é algo que me empolga muito, não saber se ele vem de violão, se ele vem de tênis, se ele vem de futebol, porque ele tá indo pro jogo. Isso, desse inesperado eu acho que é uma coisa bem boa, mas tu tens que estar preparado para um inesperado às vezes mais barulhento (P5).

Desde outra perspectiva, a entrevistada P2 refere mais um desafio ante as demandas da clínica:

O que nós encontramos muitas vezes são adolescentes que trazem, por exemplo, letras de música ou artigos de jornal. Mas é um discurso de um outro, pela perspectiva de um outro. Na minha experiência, algo que me inquieta, e eu acredito que seja um dos maiores desafios que nós temos, como clínicos, como psicanalistas que trabalhamos com clínica, seja o resgate do lugar da palavra (...) O risco que nós analista corremos, no meu ponto de vista, é perdermos a questão central da palavra, deixarmos de lado e começarmos a importar outro tipo de recurso, exatamente porque a palavra está esvaziada. E há uma tentativa muito grande de que isso seja feito, sobretudo na clínica com adolescentes. Se o adolescente fala pouco, não faz mal, então vamos fazer um jogo de computador, ou então vamos fazer... Se o adolescente fala pouco, vamos confrontá-lo com a sua pouca fala (P2).

Segundo Aryan (2006), o analista deve mudar sem perder aquilo que ele denomina de “linguagem fundamental” psicanalítica. O autor enfatiza que o analista deve gerar

transformações sem perder de vista as questões éticas e a regra básica de abstinência do analista. Para o autor, no entanto, esta regra não se refere a uma *inacção* (não ação), mas à capacidade de preservar o analista dos desejos que obstaculizem “o contato do paciente com seu mundo interno e ao desejo de se responsabilizar por si próprio. Por isso penso que o psicanalista deve ser um agente ativo nesta função” (p.238). Trata-se, portanto, de um analista que exerça ações que estejam sempre alinhadas aos princípios éticos que devem orientar a escuta psicanalítica.

Parece fundamental destacar sobre as falas dos entrevistados que, independente do recurso técnico escolhido pelo analista para escutar a singularidade da dor do adolescente, há uma dimensão ética, para além dos aspectos deontológicos da profissão, implícita nas reflexões propostas. Pensar sobre o seu fazer denota uma condição essencial para o exercício de uma prática efetiva bem como para a evolução da técnica. Nesse sentido, entende-se que ética e técnica são ações mutuamente implicadas. Nessa direção afirma Uchitel (1997) que “pesquisar a técnica do processo analítico implica a preocupação com o que fazemos, com a mudança, que é em definitivo o que visa o tratamento” (p. 13).

Diante do exposto, acredita-se que será no espaço de escuta analítica que a demanda adolescente poderá ser desdobrada em seus significados singulares. Constata-se, nas falas dos entrevistados, esta preocupação de refletir sobre recursos teóricos e técnicos que sigam abarcando as transformações presentes nas formas de expressão do padecimento adolescente contemporâneo. Na medida em que a adolescência é compreendida como um momento fundamental de ressignificação da identidade, é inegável ser por meio das configurações de seus padecimentos psíquicos que se dá a possibilidade de acessar e compreender os efeitos do contexto sociocultural no processo de subjetivação, bem como se impõe a reflexão a respeito de seus possíveis desdobramentos na clínica psicanalítica atual.

Considerações Finais

Este estudo buscou compreender as demandas e configurações de padecimentos psíquicos da clínica da adolescência no contexto contemporâneo, a partir da experiência de psicanalistas de adolescentes. Cabe ressaltar que os psicanalistas entrevistados atuam com adolescentes de classe média e classe média alta, cujas famílias se veem em condições de buscar um tratamento em consultório particular. Esta questão abre a possibilidade de reflexão sobre como seriam os resultados deste estudo se fosse direcionado às demandas de adolescentes de classes sociais menos favorecidas. Torna-se importante pensar que, ainda que o processo da adolescência tenha, em alguma medida, um caráter “universal”, acredita-se em

um modelo de escuta psicanalítica da singularidade que dê conta das distintas demandas culturais a que está submetida a sociedade e que, conseqüentemente, estão implicadas no processo de subjetivação do adolescente.

As três categorias estruturadas no decorrer deste estudo tornam possível compreender o caminho percorrido pelo adolescente até se deparar com o campo analítico: o processo de estruturação psíquica e o campo intersubjetivo constituirão a qualidade dos recursos psíquicos disponíveis ao adolescente para o enfrentamento do importante processo de ressignificação do si mesmo. A adolescência é reafirmada como um tempo singular do desenvolvimento humano na medida em que nela se dá um complexo processo de transformação no cenário identitário.

Pensar nas transformações que a contemporaneidade produz e impõe ao sujeito também conduz a reflexões sobre seus efeitos, assim como sobre a possibilidade de considerar a sobreposição de demandas frente ao processo adolescente. A compreensão desta temática, à luz da escuta analítica, evidencia a importância do trabalho do analista no seu ofício de acesso às diferentes modalidades de padecimento psíquico. Na medida em que o encontro analítico visa atribuir sentido à dor adolescente e viabilizar desdobramentos saudáveis nas mais diversas esferas de sua vida, a clínica é um campo privilegiado de qualificação do processo de genuíno autoconhecimento. Por outro lado, a maioria dos entrevistados chamou a atenção durante as entrevistas para o fato de haver poucos estudos empíricos que abordem a temática da escuta analítica de adolescentes, fato que vem se modificando na medida em que pesquisas em Psicanálise vêm se consolidando cada vez mais nos espaços acadêmicos.

Este estudo abordou a escuta de analistas considerando-se uma clínica com suas especificidades. Trata-se, portanto, de seguir investigando a relação que se estabelece em outras condições sociais e culturais quando se trata de refletir a respeito das demandas que levam um adolescente a buscar ajuda no cenário da clínica psicanalítica.

Referências

- Aryan, A. (2006). Novos objetivos na psicanálise de adolescentes? *Psicanálise*, 8(1), 229-242
- Bardin, L. (1988) *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Birman, J. (2006). Tatuando o desamparo. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescentes*. (pp. 25-43) São Paulo: Escuta.
- Blos, P. (1998). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*, (2nd ed). São Paulo: Martins Fontes.
- Cairolí P. & Gauer G.C. (2009) A adolescência escrita em blogs. *Estudos de Psicologia* 26(2)
- Cardoso, M. R. (2001) Adolescência e Violência. Uma questão de “fronteiras”? In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Editora Nau
- Chaves, J. C. (2001) Amor e ódio nos relacionamentos afetivos da contemporaneidade. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Editora Nau
- Coutinho, L. G. (2006). Pensando sobre as especificidades da clínica psicanalítica com adolescentes. *Latin-american journal of fundamental psychopathology on-line*. Retirado em 20 maio 2009, <http://www.fundamentalpsychopathology.org/journal/nov6/5.pdf>
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Dockhorn, C. & Macedo, M. (2008) A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. *Revista Argumento e Psicologia*, 26, p. 217-224.
- Fortes, I. (2008) A dimensão do excesso no sofrimento contemporâneo. *Pulsional Revista de Psicanálise* 21(3) 63-74
- Freud, S. (1914/1969). Sobre o Narcisismo: uma introdução. In J. Strachey (Ed. Trad.) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp- 77-108) Rio de Janeiro: Imago.
- Hornstein, L. (1989). *Introdução à psicanálise*. São Paulo: Escuta.
- Hornstein, L. (2008). *As depressões*. São Paulo: Via Lettera.
- Kehl, M.R. (2005). *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kupermann, D. (2007). Sobre o final da análise com crianças e adolescentes. [Versão eletrônica] *Estilos da Clínica* 12(23).
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2008). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lerner, H. (2007). Adolescência, trauma, identidade. In M. C. R. Hornstein (Org.), *Adolescências: trayectorias turbulentas*. Buenos Aires: Paidós.
- Lewkowics, A.B & Brodacz, G. (2005). Abordagem psicodinâmica na adolescência. In C.L.

- Eizirik, R.W. Aguiar & S.S. Schestatsky. *Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos*. (pp. 738-756). Porto Alegre: Artmed.
- Levisky, D. (1995) *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Editora Nau
- Macedo M.M.K, Fensterseifer L., & Werlang B.S.G.(2004) Adolescência: um tempo de ressignificações. In M.M.K. Macedo (Org.). *Adolescência e Psicanálise: intersecções possíveis*. Porto Alegre: Edipucrs, p.65-83
- Macedo, M.M.K.; Werlang, B.S.G & Dockhorn, C. N.B.F. (2008). Vorstellung: a questão da representabilidade. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, 28(1), 68-81.
- Macedo, M.M.K.; Azevedo, B.H. & Castan, J.U. (2004). Adolescência e Psicanálise. In M.M.K. Macedo (Org.). *Adolescência e Psicanálise: intersecções possíveis* (pp. 13-65). Porto Alegre: Edipucrs.
- Macedo M.M.K. & Falcão C.N.B. (2005). A escuta na psicanálise a psicanálise da escuta. *Revista Psyché*, 9(15) p.65-76.
- Macedo, M.M.K; Werlang, B.S.G. (2007). Tentativa de suicídio: o traumático via ato-dor. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 23, p.185-194.
- Maia, M.S. (2003). *Extremos da Alma: dor e trauma na atualidade e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mayer, H. (2001) Passagem ao ato, clínica psicanalítica e contemporaneidade. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Editora Nau
- Moraes, R. (1999) Análise de Conteúdo. *Educação*, 37(22), 7-32.
- Palazzini, L. (2007) Movilidad, encierros, errancias: avatares del devenir adolescente. In M. C. R Hornstein. *Adolescencias: trayectorias turbulentas*. Buenos Aires: Paidós.
- Pinheiro, T (2001). Narcisismo, sexualidade e morte. In: Cardoso, M. R. (Org.). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Nau.
- Rocha A.P.R. & Garcia C.A. (2008) A adolescência como ideal cultural contemporâneo. *Psicologia: ciência e profissão*, 28 (3) 622-631
- Roudinesco, E. (2003) *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Savietto, B.B. & Cardoso, M.R. (2006). Adolescência: ato e atualidade [Versão eletrônica]. *Revista Mal-estar e Subjetividade* 6(1), p.15-43.
- Silva, J. M. (2007) Depois do espetáculo: reflexões sobre a tese 4 de Guy Debord. In C. F. Gutfreind & J. M. Silva (Orgs). *Guy Debord antes e depois do espetáculo*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Turato, E. R. (2003) *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*.

Petrópolis: Vozes.

Uchitel, M. (1997) *Além dos limites da interpretação: indagações sobre a técnica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Winnicott, D. (1975) *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Zimerman, D.E. (2003). A Psicanálise e a escola. In A.M.S.Bassols (Org). *Saúde Mental na Escola, uma abordagem interdisciplinar*. Porto Alegre: Mediação.

Zimmermann, V.B. (2007). *Adolescentes estados-limite: a instituição como aprendiz de historiador*. São Paulo: Escuta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

O campo analítico se apresenta como um valioso recurso para acessar e compreender o padecimento psíquico da adolescência. O analista, por meio de sua capacidade de escuta da singularidade que constitui um sujeito psíquico e, no uso dos demais recursos técnicos disponíveis, viabilizará, neste encontro afetivo com o adolescente, um espaço de construção de sentido ao seu sofrimento. Uma reflexão sobre a complexidade inerente ao processo adolescente precisa ocorrer levando em consideração as transformações culturais da sociedade ocidental contemporânea. Nesse sentido, enfatiza-se uma compreensão da adolescência que engloba os fenômenos políticos, sociais e culturais, os quais, conseqüentemente, produzem seus efeitos nas demandas que chegam à clínica psicanalítica.

Ainda que sejam indiscutíveis os avanços e benefícios experimentados pela sociedade com os adventos da tecnologia e da globalização, por exemplo, é inegável, também, que esses produzam efeitos no campo da subjetividade. Isso porque, neste período, no qual a construção da identidade apresenta-se como uma das tarefas mais intensas ao adolescente, não surpreende o fato de que estes jovens estejam – em razão de seus frágeis recursos psíquicos para o enfrentamento desta etapa, identificando-se com um cenário no qual o tempo é regido pelo imperativo do *imediato*. Nesse contexto, constata-se que a função parental “organizadora” é, por vezes, desprestigiada frente à dificuldade de manter a assimetria de papéis diante do adolescente, resultando, assim, em uma evidente incapacidade de impor-lhe limites protetivos.

A compreensão das modalidades psíquicas adolescentes que se apresentam no contexto atual torna-se fundamental e, portanto, um importante tema de pesquisa. Tanto no sentido da ocorrência de um processo identitário, quanto em relação à expressão de padecimentos psíquicos, o campo intersubjetivo merece ser profundamente explorado e abordado. Sabe-se que o processo de estruturação do psiquismo se dá pela relação com o outro, ou seja, desde bebê, ainda no campo endogâmico, é necessária e imprescindível a ação do outro para que ele possa se desenvolver e se constituir como sujeito psíquico.

No decorrer do ciclo vital, a adolescência inaugura a possibilidade de uma experiência singular no campo da alteridade, na medida em que nela o adolescente se depara com novas possibilidades de investimentos psíquicos e acesso a diferentes modalidades de relação com os objetos. Assim, as demandas advindas da cultura tornam-se, também, um importante representante no campo intersubjetivo.

Em face disso, o contexto de *excessos* experienciado e atuado de diferentes formas pela sociedade, que se evidencia desde a explosão da comunicação e do consumo “generalizado”

ao enfraquecimento dos vínculos e da relação com o cuidado de si e do outro, podem conduzir o adolescente a dores que, por sua intensidade, o impossibilitem de atribuir significado ao excesso. Isso o leva a *agir* o seu sofrimento através de descargas, na forma de comportamentos de risco e autodestrutivos. Nesse contexto, a escuta analítica inaugura o acesso a um espaço no qual é possível, por meio do campo transferencial, converter esses atos em palavras, tornando possível a “metabolização” dos excessos experimentados pelo psiquismo até então. Assim, há que se destacar o fato de que o encontro analítico pode se configurar como um espaço capaz de interromper as descargas de intensidade psíquicas por meio da construção de recursos saudáveis para o enfrentamento do processo adolescente e das demandas socioculturais que possam, por ventura, sobrepor-se a ele.

Sabe-se que a pesquisa, como método de investigação científica, é um importante recurso para a obtenção de conhecimento a respeito de determinado fenômeno. Nesse contexto, a Psicanálise se apresenta como uma ferramenta importante, tanto de intervenção quanto de investigação, no intuito de compreender um fenômeno o qual, no caso desta investigação, refere-se à escuta das demandas adolescentes na clínica psicanalítica contemporânea.

Considera-se relevante que, dadas as intensas transformações que ocorrem na contemporaneidade e seus inegáveis efeitos no processo de construção psíquica do adolescente, um olhar investigativo possa contemplar este campo de diversidades tanto no que diz respeito a modalidades identitárias quanto em relação às modalidades de padecimento psíquico. Assim, constata-se a riqueza de contemplar outros cenários, por exemplo, o olhar de psicanalistas que escutam a adolescência em contextos institucionais, de forma a dar conta, no âmbito científico, das diferentes demandas e efeitos culturais da sociedade que estão implicados no processo de subjetivação do adolescente. Por outro lado, também parece possível sugerir, ainda no que se refere a novos estudos, uma investigação que busque a compreensão das configurações de padecimentos psíquicos pela perspectiva do próprio adolescente, de forma a permitir reflexões complementares, no âmbito da clínica, acerca do conhecimento que o jovem tem de si e do seu padecimento psíquico.

Este estudo resultou na produção das duas sessões que compõem esta dissertação e constata o estabelecimento, desde a fala dos entrevistados, de uma importante relação entre as exigências desta etapa do ciclo vital e as demandas socioculturais. Para acolher os diversos desdobramentos possíveis desta dinâmica, a escuta psicanalítica, em sua dimensão de acolhimento e trabalho com a singularidade do sujeito, fica evidenciada como uma via possível e importante que pode contribuir significativamente para que o adolescente enfrente

sua demanda intrapsíquica de dar sentidos àquilo que é próprio de sua experiência e de um excesso que persiste, até então, como algo indizível. Assim, o encontro analítico pode impulsioná-lo para o acesso às condições psíquicas que lhe permitam não só desfrutar de seu momento de vida adolescente no registro do cuidado consigo e de bons vínculos com o outro, mas, também, que possa contar com recursos de saúde no enfrentamento de outras conflitivas ao longo de sua vida. Diante do exposto, conclui-se que o presente estudo, sem a pretensão de esgotar a complexidade da temática abordada, pôde contribuir para o campo de investigações a respeito da clínica psicanalítica, tanto no âmbito teórico, quanto em relação aos interrogantes técnicos que se impõem no trabalho analítico com adolescentes a partir de intensos efeitos das características da contemporaneidade.

ANEXOS

ANEXO A

Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

OF.CEP-1471/08

Porto Alegre, 12 de dezembro de 2008.

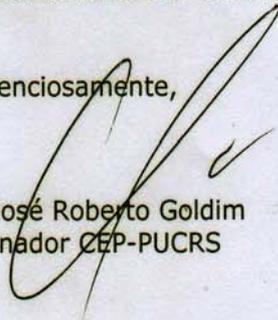
Senhora Pesquisadora,

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 08/04445 intitulado: **"O olhar daqueles que escutam a adolescência: singularidade da clínica atual"**.

Salientamos que seu estudo pode ser iniciado a partir desta data.

Os relatórios parciais e final deverão ser encaminhados a este CEP.

Atenciosamente,


Prof. Dr. José Roberto Goldim
Coordenador CEP-PUCRS

Ilma. Sra.
Profa. Monica Medeiros Kother Macedo
Faculdade de Psicologia
N/Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6690 - 3º andar - CEP: 90610-000
Sala 314 - Fone Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

As contínuas transformações socioculturais sofridas pelos adolescentes têm sido objeto de estudo da clínica psicanalítica contemporânea. A Psicanálise têm contribuído para a compreensão desta etapa de vida por meio de estudos teóricos e clínicos que abordam tanto os aspectos próprios de uma crise adolescente como as características referentes ao campo da psicopatologia. Considerando-se que o cenário contemporâneo têm influenciado de forma significativa as formas de produção de subjetividade, busca-se investigar as influências deste no processo adolescente no que diz respeito as modalidades de padecimento psíquico que se configuram nesta etapa da vida. Esta pesquisa está relacionada a uma Dissertação de Mestrado desenvolvida pela mestrandia Renata Cardoso Plácido Ayub, junto ao grupo de pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise”, coordenado pela Dra. Mônica M. Kother Macedo, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Busca-se, verificar, através de sua participação, as características e peculiaridades observadas, via escuta psicanalítica, na clínica contemporânea com pacientes adolescentes. Para tanto, será realizada com psicanalistas com mais de dez anos de experiência clínica, uma entrevista semi-estruturada com questões abertas, que serão gravadas em áudio e, posteriormente transcritas para garantir a fidedignidade dos dados. O tempo de entrevista estimado é de 50 minutos e, espera-se que os resultados desse estudo possam contribuir para a produção de conhecimento científico.

Em qualquer tempo, poderão ser solicitadas informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo, com a psicóloga Renata Cardoso Plácido Ayub, com a Dr^a Mônica M. Kother Macedo, professora orientadora deste estudo, pelo telefone (51) 3320-3633, ou com o Comitê de Ética e Pesquisa da PUCRS, no telefone 3320-3345. O (a) participante poderá ainda, suspender sua participação nesta pesquisa a qualquer momento, sem qualquer ônus.

A concordância em participar desta pesquisa abrange a possibilidade de publicação dos dados em formato de artigo científico e/ou exposição em eventos, seguindo as normas éticas de pesquisa. Será mantido o anonimato da identidade do participante da pesquisa, preservando as questões éticas implicadas no estudo.

Eu, _____ (nome do participante), fui informado (a) dos objetivos do estudo de forma clara e detalhada. Recebi as informações necessárias e esclareci minhas dúvidas, fornecendo livremente o consentimento de participação na pesquisa face às informações recebidas. Declaro ainda, que recebi uma cópia deste documento.

_____	_____
Assinatura do participante	Data
_____	_____
Mônica Medeiros Kother Macedo CRP: 07/03039	Data
_____	_____
Renata C. Plácido Ayub CRP: 07/16894	Data